

A casa dos sete anões

A creche para meninas abandonadas que os Mancusi resolveram criar na Parada Inglesa, com dinheiro de seu próprio bolso, nunca havia sido notícia de jornal: Luiz Mancusi, o chefe da família, nunca quis dar entrevistas, dizendo que o que faz é apenas uma obrigação, um dever comunitário.

É como entrar de repente na casa dos sete anões da história da Branca de Neve. Tudo é pequeno neste edifício de quatro andares, construído num terreno íngreme numa pequena rua da Parada Inglesa, na zona Norte da Capital. Mesas, cadeiras, bancos, camas, travesseiros, pias, chuveiros, banheiras, sanitários. Tudo fica numa altura acessível apenas para quem tem no máximo um metro de altura. Tudo é pequeno na Casa da Criança Irmã Josefa. Menos o coração dos Mancusi.

Em 1973, o senhor Luiz Mancusi resolveu realizar o grande sonho da sua vida: construir uma creche para recolher e criar crianças abandonadas, até que elas atingissem a maioridade, ou mesmo depois de adultas, até conseguirem dar um rumo definitivo à vida. Reuniu a família e comunicou sua decisão. Foi então fundada a Associação Cristã de Amparo à Criança, à qual pertence a Casa da Criança Irmã Josefa. A ata de fundação tem 150 assinaturas, e 34 delas são de membros da família Mancusi, sendo as restantes de amigos e conhecidos.

O passo seguinte foi a construção do prédio, chefiada pelo engenheiro Antonio Covo, genro do senhor Luiz. Suas mãos grandes e pesadas levantaram muitas paredes e, no momento, estão construindo uma piscina e plantando um gramado em um terreno anexo à creche, para aumentar a área de lazer das crianças.

— Queremos oficializar uma creche. Como se oficializa uma creche?

A pergunta surpreendeu o presidente da Febem (Fundação Estadual para o Bem Estar do Menor), João Benedito de Azevedo Marques. A surpresa aumentou quando, após a oficialização, o senhor Luiz declarou-se pronto para ir ao Instituto Sampaio Vianna (onde ficam os bebês abandonados e menores carentes a cargo da Febem) para buscar as 3 crianças que a creche abrigou inicialmente, mas sem receber nenhuma ajuda financeira da Febem, através do convênio firmado.

As Márcias, Martas, Marias, Luizas, Roselys e Rosanas estão muito comportadas nas minúsculas cadeiras distribuídas em volta de uma sala, no primeiro andar, onde a televisão a cores mostra desenhos animados. Ontem foi uma tarde de folga, porque a professora da escola maternal, onde as meninas mais velhas estão matriculadas, está doente. A chegada de visitantes é recebida sempre com muitos sorrisos e pedidos de colo. A vaidade feminina já desponta, e elas pedem para usar os colares, anéis, pulseiras, e fitas de cabelo.

No quarto ao lado, o sol invade os berços de metal onde dormem, sorriem ou choramingam as gêmeas Ana Paula e Lucinete, de seis meses de idade; Gisele, de oito meses, que chegou parecendo uma japonesa, com olhos puxados, e agora tem traços marcantes de nordestina (estes são detalhes que as atendentes de enfermagem adoram observar e contar). A caçula Solange, com cinco meses, está dormindo; Raquel, de seis meses, que chegou bastante doente e fraca, está saindo sorridente de uma minúscula banheira; dentro de um macacão amarelo e felpudo, a

"595" parece muito feliz. As crianças abandonadas, antes de serem batizadas pelo juiz de menores, são conhecidas apenas por números. A 595, de sete meses, tem um nome provisório, Camila. Mas pode ser que se chame Márcia, ou Gisele, ou Rosely, não se sabe.

Hoje, a creche abriga 41 crianças do sexo feminino, sendo 22 bebês (até um ano e meio de idade). Eram 54 meninas no ano passado (a creche começou a funcionar em julho de 1977), mas 13 já foram adotadas. De início, o senhor Luiz Mancusi, de 74 anos, queria cuidar de todas as crianças, até que elas crescessem. Mas Jussara Menezes, a assistente social designada pela Febem para supervisionar e orientar o trabalho, acabou convencendo-o de que elas seriam igualmente felizes se fossem adotadas por famílias que pudessem oferecer, antes de qualquer luxo financeiro, muito carinho e amor.

Outra posição reconsiderada foi a idade para ingresso na creche. Antes, as meninas precisavam ter de zero a três anos. Mas, como surgiram casos em que duas ou mais irmãs precisavam ir para a creche, e uma delas ultrapassava o limite de idade, os Mancusi decidiram ampliar o limite para cinco anos.

Nos planos do senhor Luiz, que é sócio de uma empresa de materiais de construção, está a construção de outros prédios, em especial um para abrigar os meninos abandonados. Não é possível mantê-los junto com as meninas, "porque logo elas estarão crescidas e, como continuarão a morar na creche, não seria possível misturá-los." Esta é a primeira vez que Luiz

Mancusi fala de sua obra à Imprensa. Ele sempre recusou entrevistas ou qualquer tipo de promoção, por acreditar que o que está fazendo é a sua obrigação, "um dever comunitário".

A sopa ferve nos caldeirões e as meninas descem à copa levadas por "mamãe Wanda", filha do "vovô Luiz", e esposa do engenheiro "papai Antonio" (é assim que as crianças os chamam, espontaneamente). Wanda é odontopediatra do INPS há 22 anos, e a sala de serviço dentário da creche é seu primeiro consultório particular. O atendimento médico das meninas é feito pelo doutor Fábio, sobrinho de Luiz Mancusi, e pela clínica Pacomédica, que fica a dois quarteirões da entidade e oferece toda a assistência necessária, totalmente grátis.

No terceiro andar, as voluntárias Ercília, Angelina, Maria Aparecida e Odete, que vai adotar uma das meninas abandonadas, costumam calças compridas e vestidinhos. No subsolo, a voluntária mais idosa, dona Maria, de 68 anos — que caminha meia hora a pé, todos os dias, para ir à creche — passa uma enorme pilha de fraldas.

Cada criança custa, para a entidade, 2.500 cruzeiros por mês, sendo que apenas um terço das despesas é pago com as doações dos sócios "que são gente humilde, não podem dar mais do que dez ou vinte cruzeiros". O restante é retirado dos vencimentos particulares dos Mancusi, que não se consideram ricos; acham que possuem o suficiente para viver bem e oferecer o restante à obra social que sempre desejaram construir.

Rachel Melamet

070578

P. 6



O que mudou: o casamento ou as mulheres?

movim. 5 2/5/78

Mudou alguma coisa? No mês de maio, quando normalmente se insiste na valorização do casamento e se prodigalizam os conselhos às noivas; quando o casamento é apresentado (ainda) como a conquista máxima da mulher, vale a pergunta.

Afinal, desde 1949, quando Simone de Beauvoir publicou o "O segundo sexo" — que serviu de base ao chamado feminismo consciente —, alguma coisa deve ter mudado. Ou não teriam servido para nada as denúncias, os movimentos, a ação das mulheres contra a opressão?

• O casamento-carreira — O casamento ainda é a "carreira" preferida pelas mulheres? Não por todas, seguramente. Infelizmente, não há ainda pesquisas que sirvam de apoio a esta tese. Mas os sinais de insatisfação são evidentes. Além disso, as mulheres que pleiteiam mudanças (e são muitas) estão com pressa. Não podem esperar que se façam pesquisas para mostrar que o casamento não lhes basta como objetivo de vida.

Os sinais mais evidentes de insatisfação podem ser identificados em todo o mundo e no Brasil. Basta ver a nova atitude da mulher, que de uns anos para cá passou a se indagar sobre si mesma, sobre o seu papel e sobre sua realidade. Bastam igualmente os títulos de algumas pesquisas em curso: "Machismo e meios de comunicação", por Mary Pimentel Drumont, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara (SP); "O ciclo do trabalho feminino entre os trabalhadores manuais", de Elisabete Dória Bilac, do Campus Universitário de Rio Claro, que, entre outros aspectos, enfatiza a manipulação da economia de mercado sobre a oferta de mão-de-obra feminina, partindo de dados referentes à zona urbana de Rio Claro, SP; "O trabalho da mulher no meio rural", de Maria Ignez Paulilo, da Universidade Federal da Paraíba, destacando que o trabalho da mulher no campo, não remunerado — ao contrário do marido — não possui nem mesmo a conotação gratificante de libertação financeira, sendo encarado pelas mulheres como apenas mais uma sobrecarga aos muitos trabalhos que lhes são impostos.

Outras questionam o problema de uma aspecto mais global, como a socióloga Heleieth Saffioti, de São Paulo, no seu livro "A mulher na sociedade de classes — mito e realidade", em que destrói mitos e os denuncia como formas de controle social. Os mitos femininos, que envolvem a mulher numa aura de doçura, fragilidade, obediência, são formas de controlar o comportamento das mulheres, de motivá-las a aderir aos padrões exigidos pelo sistema. Um desses mitos é o do casamento, pois mistifica a mulher no papel de esposa e mãe, de modo a que se sinta plenamente realizada como tal.

• O homem quer moldar — Simone de Beauvoir, que há 45 anos partilha sua existência com Sartre, para assim demonstrar que é possível conciliar amor com liberdade, diz que o homem, ao se casar, em vez de partilhar uma existência, quer "moldar" esta "massa mole" que é a mulher; todo homem tem uma certa tendência para Pigmalião; sexualmente, moralmente e intelectualmente, o marido pretende "formar" sua esposa; ele tem necessidade disso, e dessa forma se sedimenta o mito da passividade feminina; o supremo triunfo do marido, não é a exibição sua "cara-metade", moldada segundo seus desejos?

Um grupo de mulheres americanas, responsável pelo livro "Our body, our self", sem tradução no Brasil mas com uma edição em espanhol, declara, na abertura do livro, que "contrariamente ao que nos haviam ensinado e prometido, nem o casamento, nem a maternidade, nem o trabalho tipicamente feminino, nos satisfaz inteiramente".

"Isso não quer dizer — prosseguem — que não tenhamos tido boas relações com nossos maridos e filhos, ou um bom desempenho no trabalho. O problema é que a maioria de nós sente que ser esposa e mãe, relegando o nosso trabalho a segundo plano, nos limitou muito".

• "Leis protetoras" — Outra voz sempre presente ao denunciar os esquemas pelos quais se inferioriza a mulher tem sido a do Centro da Mulher Brasileira. Recentemente, no último boletim, uma das participantes denunciou um equívoco que se tem manifestado com frequência e que pode vir a prejudicar os interesses da mulher nas reformas de legislação.

O equívoco, surgido não se sabe como, supõe que os movimentos feministas sejam contrários a uma legislação protetora ao trabalho da mulher. Isto não é verdade, e Maria Tereza Teixeira, sócia do Centro da Mulher Brasileira, esclarece: nenhuma mulher, em sã consciência, abriria mão do que convencionalmente se chama de proteção ao trabalho feminino, impedimento do trabalho noturno, creches (que só existem no papel), licença de maternidade e alguma outra.

Sem essas medidas, a abertura do mercado de trabalho para a mulher casada se revela uma armadilha. Como trabalhar, se não há quem cuide das crianças? Acabar com essas leis protetoras, como sugerem alguns, seria jogar nas costas da mulher o cuidado dos filhos, que supostamente é uma responsabilidade do casal; seria deixá-la sozinha às voltas (e frequentemente dividida) entre a vontade de trabalhar e o cuidado dos filhos. Seria explorar mais ainda esse tipo de "fraqueza" feminina, da mulher que vai para o trabalho dividida entre o desejo de crescer, de realizar-se profissionalmente e a dor de deixar o filho. Nenhuma mulher se sentiria assim, se tivesse certeza do filho bem cuidado e em segurança, numa creche conduzida por gente adulta e especializada.

• Uma armadilha total? — Recentemente, outra voz ilustre (e "insuspeita") surgiu em defesa da emancipação feminina. O economista americano John Kenneth Galbraith, em seu último livro, "Economics and the public purpose", a ser lançado em breve no Brasil, pela Editora Francisco Alves, dedica um capítulo inteiro à análise das formas e objetivos pelos quais a sociedade mantém a mulher numa posição subalterna.

Galbraith vê o problema fundamentalmente de um ponto de vista econômico. Para ele, as mulheres de hoje representam uma classe de "cripto-servas" e este fato se constitui numa realização econômica de importância capital. Criados domésticos, só existiam para uma minoria da pré-industrial; mas a serva-esposa está à disposição, democraticamente, de quase toda a atual população masculina.

Numa avaliação do trabalho da mulher casada, Galbraith afirma que se estas mulheres fossem remuneradas, seriam de longe a maior categoria da força de trabalho. O valor dos serviços das donas-de-casa já foi estimado em cerca de um quarto do Produto Nacional Bruto total. Nos Estados Unidos, calcula-se que a mulher casada média presta serviços no valor de US\$ 257 por semana, ou cerca de US\$ 13.364 por ano.

Galbraith condena a sociedade por não oferecer alternativas à mulher além do casamento e conseqüente trabalho caseiro. Ele defende a manutenção de leis de proteção ao trabalho da mulher — creches, horários mais flexíveis para as mães, fim do atual monopólio masculino sobre os melhores cargos. E sentencia: o casamento deveria deixar de ser uma armadilha total.

Um dia especial

Shopping News 14/5/78
p. 60
Nilza Botteon

Para as mães, hoje é um dia especial. Os filhos, solteiros e casados, se reúnem em volta da mesa e almoçam juntos, sem pressa; tentam não discutir por pequenas coisas, esquecer as mágoas; dão-lhes presentes. Para as que trabalham é também um dos poucos dias em que podem ficar todo o tempo ao lado deles e ganhar forças para, amanhã, começar tudo outra vez.



Hoje, Marta e André ficam juntos.

N o pequeno apartamento de nono andar de um prédio do Sumarezinho, onde moram a jornalista Marta Maria Alves Silva, 29 anos, e seu filho André, 3 anos e meio, hoje é um domingo igual aos outros. Não haverá almoço especial ou presentes. A única lembrança do Dia das Mães estará nos cartões, feitos a mão, que a creche onde André passa todas as tardes costuma mandar em dias de festa. Mesmo assim, hoje, como todos os sábados e domingos, é um dia especial para Marta e André. Uma das poucas oportunidades de estarem juntos o tempo todo, esquecidos de horas e obrigações. Podem conversar, brincar, rolar pelas almofadas, fazer juntos, e lentamente, as refeições, demorar no banho, discutir com calma problemas comuns (porque André deve usar botas ortopédicas, por exemplo, independente de sua vontade de calçar sapatos), de contar e ouvir histórias, dormir, à tarde, abraçados. De repente, se a vontade chegar, eles podem, até mesmo, ir ao cinema ou, simplesmente, caminhar pelas ruas, comendo pipoca.

Atividades comuns para a maioria das mães e filhos. Mas que trazem, sempre, o sabor de novidade para Marta e André. Porque acontecem somente em fins de semana e feriados. Nos outros dias, invariavelmente, eles se vêem apenas por quatro horas: das oito ao meio dia. Depois, André vai para a creche, na Praça Pan-Americana, e Marta para o centro, onde trabalha até às 18h30 ou 19 horas. Após um rápido jantar, nem sempre a dois e, dependendo do dia, ela vai para a Barrá Funda ou Perdizes, onde faz cursos de extensão cultural. Quando volta, entre meia noite e uma hora, André está dormindo.

SEM TEMPO

Nesse esquema eles vivem desde quando André tinha apenas dois meses de idade, porque tão logo venceu a licença de gravidez, Marta teve de esquecer as recomendações médicas de que o leite materno é o melhor para a criança e o desmamou. Passou a levantar, então, às 6 horas. Em pouco mais de meia hora, preparava e tomava o café da

manhã, separava as roupas do filho e seguia com ele para uma creche da Prefeitura, no Alto da Lapa. Durante hora e meia, Marta se espremia entre os trabalhadores da manhã, que lotavam os ônibus. Em dias de pagamento, ia de táxi. Das 10 às 16 horas, trabalhava em um jornal. E, por tarefa, no que fosse possível: assessoria de Relações Públicas, jornal ou revista. Mais uma hora e meia nos apertados ônibus da tarde e encontrava André no colo da "tia", esperando por ela no portão da creche. Depois lavava e passava roupas, lava o jantar para a criança, a fazia dormir.

Quando ela tinha um ano e meio, aconteceram mudanças que deixaram suas vidas melhores. Primeiro, mudaram da Barra Funda para Pinheiros, depois conseguiram vaga em uma creche a poucos minutos de casa e, finalmente, trocaram todos os horários. André ficava das 9 às 20 horas, na creche, Marta trabalhava das 13 às 19h30, no jornal. Nesse tempo, pôde até contratar uma empregada para fazer o almoço e o jantar, lavar a roupa. De setembro a dezembro de 1975 não precisou, inclusive, buscar André na escola: um amigo fazia isso por ela. Há um ano no Sumarezinho, Marta enfrenta, novamente, a rotina dos ônibus cheios para levar e buscar o filho na creche, onde entra às 13 horas e sai às 20h30. Continua com dois empregos, em jornal e revista, ainda faz colaborações, pela manhã. Tem empregada mas, quando está por perto, os cuidados com André ficam por sua conta. Já aprendeu, inclusive, a conversar com ele enquanto escreve.

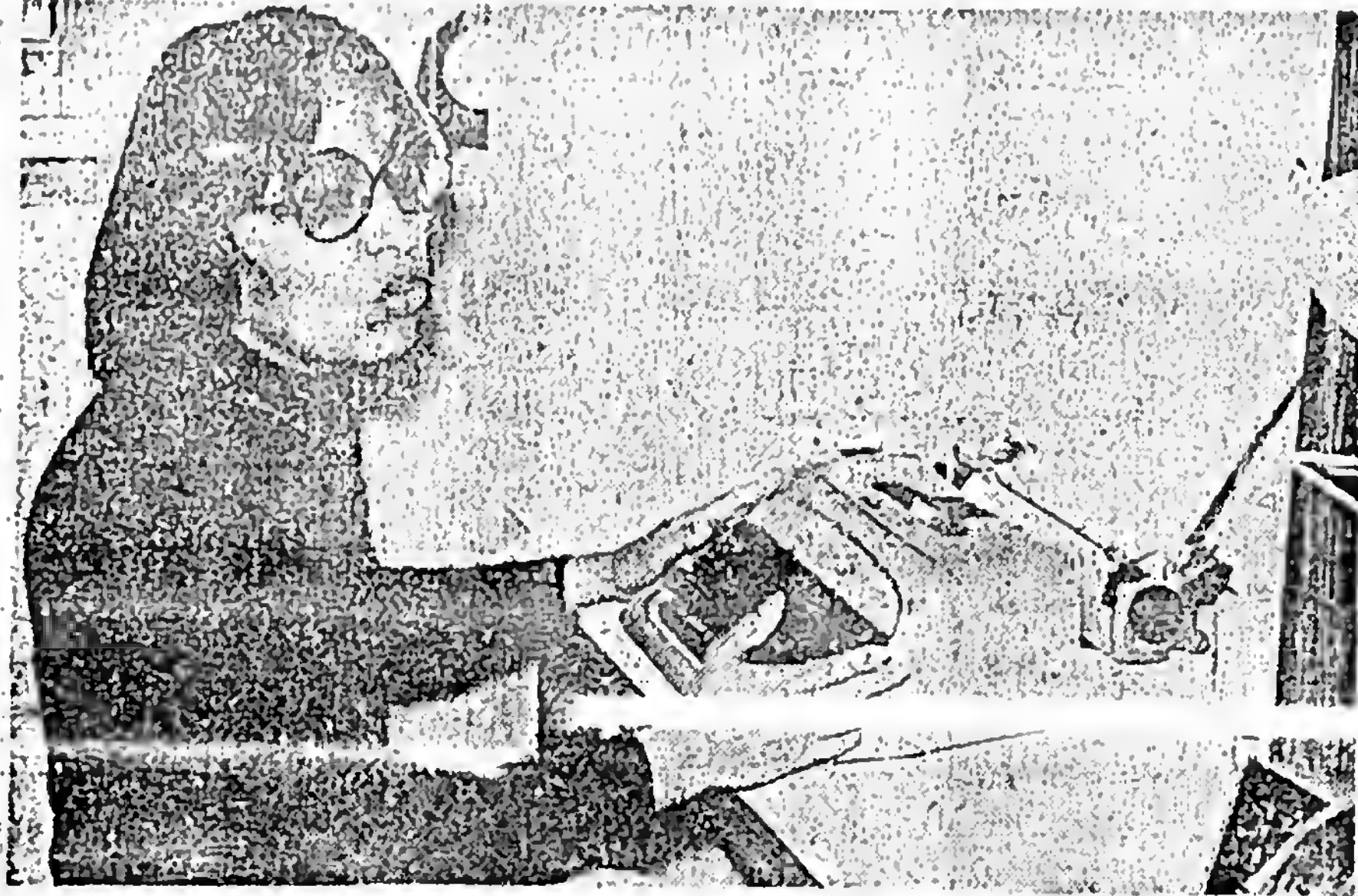
PRODUTO ATUAL

Se o nascimento de André aumentou as despesas e dobrou seu trabalho, nem por isso conseguiu impedi-la de continuar estudando. Ao contrário, Marta garante que só depois de André descobriu a força necessária para voltar a enfrentar os bancos escolares. Sentiu vontade de participar de reuniões sindicais e de associações de mulheres. "André abriu minha cabeça", costuma dizer. "Deixou-me mais consequente, coerente comigo mesma, consciente do que quero e como fazer para atingir meus objetivos."

A razão, para ela, é simples: quer ser melhor para fazer de André um homem melhor. "Filho, para mim, é mais do que cumprir uma função natural, de continuidade da espécie", explica. "É o nosso projeto de pessoa para o mundo. E só podemos fazer um homem melhor se formos melhores a cada dia, em um processo de aperfeiçoamento constante. Isso requer estudo, análise de situações, participação. Mente aberta para receber novos valores e reavaliar os antigos. E um filho nos testa a todo instante. É o reflexo de nós mesmos. Se o mandamos pôr as meias, mas estamos sem as nossas, ele dificilmente obedecerá. Se queremos que ele seja feliz, mas somos infelizes, ele tem mínimas chances de atingir a felicidade. Porque, quando adulto, será o produto atualizado de nós mesmos."

Por isso, independente de ter de acordar cedo, fazer mamadeira às pressas, passar dias sem se alimentar direito, lavar fraldas à noite, trabalhar mais, Marta gostaria de ter, pelo menos, mais um filho, no máximo, três. Sabe que eles ficariam em creches, que ela teria de passar mais alguns anos se espremendo entre os trabalhadores dos ônibus da manhã. Mas não se importa. Diz, inclusive, que mesmo sem trabalhar, provavelmente, deixaria seus filhos em creches. "A vantagem é uma só: a criança fica mais independente da mãe do que as criadas com ela. E, depois de um dia todo juntos, mês após mês, tanto a criança quanto a mãe estarão cansados da presença um do outro. A creche eliminaria esse problema. Estar com o filho é sempre uma novidade: a quebra da rotina.

Problemas da mãe que trabalha



O maior problema: onde deixar os filhos?

São muitos os problemas enfrentados pelas mães que trabalham. Muitos deles, denunciados no ano passado, em Brasília, na CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito) da Câmara

Federal de Deputados. O maior — a falta de creches — continua, como outros, sem solução. E, ao que tudo indica, ficará, ainda, assim por muito tempo.



A psicóloga Filvra Rosenberg.

A Consolidação das Leis do Trabalho — CLT — diz, e a lei nº 5.473, de 9 de julho de 1968, endossa: não constitui justo motivo para a rescisão do contrato de trabalho da mulher o fato de ela haver casado ou se encontrar em estado de gravidez. Mesmo assim, a CPI, reunida para discutir e analisar os problemas da mulher brasileira, mostrou um quadro considerado absurdo pelas psicólogas, sociólogas e juristas que participaram dos debates. Entre várias denúncias, a psicóloga Filvra Rosenberg, mãe de um garoto de dois anos, afirmou que, segundo pesquisas da advogada Marly Cardonne, junto a chefes de pessoal de 22 empresas comerciais e indústrias paulistas, apenas sete não despediam suas empregadas por terem casado ou ficado grávidas. Garantia, ainda, que dirigentes sindicais do ABC afirmam que 90% das mulheres gestantes são dispensadas do emprego logo após o retorno da licença médica; que o departamento de Limpeza Pública e Sanitária de Salvador, Bahia, proíbe as varredoras de rua de terem filhos e, por garantia, distribui anticoncepcionais entre elas; que a Prefeitura de São Paulo se recusou a contratar professoras gestantes, em 1976.

Independente disso, "ou talvez por isso mesmo", como afirma a também psicóloga Carmem Barroso, mãe de uma menina de três anos, a proporção de mulheres casadas e não casadas na população brasileira eco-

nomicamente ativa (cinco casadas para 12 solteiras) é quase mínima se comparada com a francesa (20 para 18,5), japonesa (21,5 para 17,8), sueca (23 para 17) e norte-americana (21,5 para 15,5). Como 80% do total de trabalhadoras se concentra em 10 profissões, características de classe média baixa (empregada doméstica, trabalhadora rural, professora primária, auxiliar de escritório, costureira, lavadeira, balconista, servente, enfermeira não diplomada e tecelã) e a metade está em idade fértil (entre os 20 e 39 anos), de acordo com a psicóloga Maria Machado Malta Campos, da Fundação Carlos Chagas, surge um novo e, provavelmente, mais sério problema para mulher que trabalha: onde deixar os filhos.

SEM VAGAS

Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios — PNAD — de 1973, as trabalhadoras paulistas de classe média alta deixam os filhos com empregadas, em escolas de pré-ensino ou creches de luxo. Em classes mais baixas, porém, as soluções são totalmente opostas, como mostra um estudo da Secretaria do Trabalho e Administração do Estado de São Paulo: 46,4% das mães operárias deixam os filhos com parentes; 21,6% sozinho e apenas 1% em creches ou instituições equivalentes.

A razão, para a psicóloga Maria Malta, é a falta de vagas em creches distritais, "re-

sultado da sua quase inexistência em empresas", como ressalta a advogada Marly Cardonne. E, por lei de 1943, os empregadores são obrigados a manter berçário nas instalações da empresa quando chegarem a 30 funcionárias entre 16 e 40 anos de idade. Terminado o período de amamentação (que não é definido na lei), as crianças devem ser transferidas para creches e instituições pré-escolares de entidades beneficentes como o Sesi, o Sesc e a LBA, ou de particulares, quando a empresa mantiver convênio. Entretanto, até 1969, havia apenas 200 creches distritais em todo o País, concentradas no eixo Rio-São Paulo-Belo Horizonte. Fato que forçou 48% das mães trabalhadoras, em 1974, a deixar seus filhos em instituições particulares "caras e elitizadas", segundo a jornalista Marta Maria Alves Silva.

MODIFICAÇÕES

A CPI da Mulher concluiu ser necessário modificar a legislação que regulamenta o trabalho feminino, para proteger a trabalhadora e seus filhos. Antes disso, porém, o ministro do Trabalho, Arnaldo Prieto, já havia nomeado uma comissão que, em fevereiro passado, apresentou um projeto de alteração da CLT. Entre outras novidades, incluiu o trabalho noturno da mulher e maiores garantias à gestante.

Porém, no entanto, na opinião da advogada Marly Cardonne, membro da entidade

feminista Pró-Mulher. Para ela, além de as modificações continuarem discriminando a mulher, "dá a impressão de que a guarda e o bem-estar dos filhos é problema só dela e não da família", ainda são insuficientes. Por isso, Marly sugere que seja inserido, na CLT, um novo capítulo, destinado a proteger a família do trabalhador. "Ele regulamentaria os berçários, por exemplo, para que qualquer empresa, independente do número de funcionários, mantivesse lugar apropriado onde os trabalhadores de qualquer sexo pudessem deixar os filhos até, pelo menos, os seis meses de idade. Tais berçários deveriam possuir, no mínimo, sala de amamentação, cozinha e sanitário".

Neste novo capítulo também estariam regulamentadas as faltas dos trabalhadores (mulheres e homens) por doença dos filhos. "Até que a criança completasse três anos de idade, tanto o pai quanto a mãe poderiam faltar até três vezes, por ano, sem descontos de salários. Quando o filho estivesse entre três e oito anos, o limite passaria para duas faltas anuais, com desconto de 1/3 da remuneração". Marly Cardonne pretende transformar essas sugestões em projeto e, ainda este semestre, encaminhá-las ao Ministério do Trabalho.

E AS CRECHES?

A manutenção de creches passaria, então, a ser obrigação do Estado, que as dis-

tribuiria por bairros de maior concentração de trabalhadores. Por enquanto, porém, pelo menos 10 órgãos oficiais e entidades beneficentes se preocupam com elas, "sem definir normas gerais para a sua implantação e funcionamento", como afirma a psicóloga Maria Malta. Uma lista que começa com o Ministério do Trabalho, passa pelo da Saúde, Previdência Social, inclui as secretarias estaduais e municipais de Trabalho e Bem-Estar Social, a Legião Brasileira de Assistência (LBA), os serviços sociais da Indústria e do Comércio, a Fundação Nacional e as Fundações Estaduais para o Bem-Estar do Menor, entidades sindicais e instituições filantrópicas.

Destas, a LBA tem projeto para implantar "creches casulos" (unidades para 50 ou 60 crianças e, por isso, mais baratas), nos Estados de Alagoas, Ceará, Rio Grande do Norte e Rio Grande do Sul. Há, ainda, um projeto da antiga Secretaria do Bem-Estar Social do Município de São Paulo, que pretendia incentivar e supervisionar o funcionamento de "lares substitutos", onde mulheres treinadas cuidariam das crianças do bairro, em suas próprias casas, enquanto as mães trabalham. Com a extinção da secretaria, no entanto, foi extinto, também, o projeto. O que contribuiu para aumentar, ainda mais, o problema, na Capital.

ESTUDANTES UM EXEMPLO

de democracia

O dia das mães, na periferia,
é para discutir e reivindicar

Neste dia que é das mães, procuramos algumas que estão se organizando nas centenas de Clubes de Mães que vêm surgindo em São Paulo há uns 10 anos atrás, quando a Igreja começou a incentivar cada vez mais a união dos Clubes nas Comunidades Eclesiais de Base. Hoje existem Clubes de Mães promovidos por Sociedades Amigos de Bairro, por Prefeituras e outras entidades civis e religiosas, e ainda há aquelas que com o tempo adquirem cada vez mais autonomia pela força organizada da comunidade e de mulheres que não se contentam em ser apenas mães, e sim mulheres que se consideram sobretudo seres humanos dotados de inteligência, vontade e consciência. Na Região de Itaim Amaro e São Miguel, algumas mães indicam — pelas ações em que estão empenhadas — que elas têm passado e um futuro, o que não aparece nas propagandas onde belas senhoras beijam seus filhinhos e tentam vender algum produto para o Dia das Mães. Algumas delas lutam para que todas as mães, pais e crianças tenham uma vida melhor. Reivindicam escolas, postos de saúde, rede de esgotos, preços mais baixos para a alimentação e salários mais altos para a classe trabalhadora. Sabem que assim, seus filhos poderão ser mais felizes, porque não basta ser uma boa mãe, carinhosa e sacrificada “Amélia”. No Clube de Mães, também discutem seu papel, e discutem coisas tão simples e ao mesmo tempo tão importantes como “não bater nas crianças”. Elas falam como surgiram os Clubes de Mães, primeiro na Zona Sul incentivando o Movimento Custo de Vida, e depois espalhando-se por toda São Paulo, principalmente onde a sobrevivência da família está mais abalada pelas atuais condições de vida. As mães estão na página cinco e na última página, onde se descrevem os dois mundos do Amparo Maternal:



“O mundo de mulheres que tendo gerado não podem conservar seus filhos, e o mundo das mulheres que buscam filhos por não poderem gerar”. É um mundo que nada tem de poético. Na página 10, uma equipe ligada aos Clubes de Mães do Itaim Paulista reflete sobre o Dia. O artigo se inicia com uma crítica à data comercializada, e às mulheres bonitas que a propaganda leva aos lares, beijando seus filhos e anunciando produtos. E há também uma carta, que você deve ler.

Desde o início do ano os estudantes se mostraram dispostos a realizar eleições para a diretoria da União Estadual dos Estudantes (UEE), entidade não reconhecida pelos órgãos governamentais e nem pela burocracia universitária.

No começo deste mês, entre os dias 4 e 5 de maio, cerca de 35 mil estudantes participaram das eleições para a UEE, apesar de todas as dificuldades, intimidações, invasões e roubos de urnas.

O que pretende a UEE? A UEE pretende uma melhor organização interna do movimento estudantil articulado a nível estadual, congregando a parte mais dinâmica dos estudantes interessados em ter uma participação ativa nas decisões que afetam diretamente a vida universitária e no processo político mais amplo.

É compreensível, portanto, a tentativa por parte das autoridades e por grupos clandestinos — Comando de Caça aos Comunistas e Grupo Anti-Comunista — de impedir a organização da UEE, pois esta viria a contrariar o estilo autoritário de governar a universidade e a Nação.

No artigo "Diálogo ou Gritaria?", das Comunidades Universitárias de Base (página 3) afirma-se que seria fácil encontrar falhas de certa importância no Movimento Estudantil e nas chapas que concorreram para a eleição da diretoria da UEE. Segundo a CUBs há quem diga que o Movimento Estudantil vive mais em função do adversário e das provocações que recebe, do que em função de um próprio projeto a respeito da vida universitária, mas que "nestas horas de frustração generalizada em que o País vive, em que a Nação está ferida na sua dignidade, uma eleição que, apesar de ameaças e intimidações, consegue reunir quase 35 mil estudantes no Estado de São Paulo, constitui uma luminosa esperança".

Segundo o artigo, "quando todos os setores da vida social estão silenciados e uma ou duas pessoas se arrogam o direito de tomar todas as decisões que vão afetar a vida da Nação durante anos a fio, essa experiência viva de democracia, de responsabilidade e participação, como foram as eleições da diretoria da UEE, não pode deixar de abrir o coração para a esperança que dias melhores hão de vir".

Temos consciência, temos vontade, temos inteligência

Em março, mais de uma centena de mulheres dos Clubes de Mães se reuniram no Itaim Paulista para afirmar sua condição de ser humano, e como tal, dotadas de inteligência, vontade e consciência para trabalhar pelo bem comum. É este o objetivo dos Clubes de Mães do Itaim Paulista, porque os problemas das mães são vistos como extensões dos problemas dos pais, dos menores abandonados ou não, de todos. Dona Dalva, do Jardim Camargo Novo, é monitora de um Clube de Mães. Mãe de cinco filhos naturais, adotou mais cinco e continua "adotando" crianças que precisam da ajuda de outras mães e da comunidade. Aqui, a filosofia dos clubes de mães do Itaim Paulista e a apresentação de dona Dalva, uma protagonista.

O próprio Clube de Mães, segundo o padre Francisco do Itaim Paulista, não é uma associação restrita a um grupo de mulheres que tem filhos.

— Aqui no Itaim Paulista temos uma dezena de Comunidades Eclesiais de Base, e quase todas tem um Clube de Mães, que é uma organização específica da CEB, assim como os grupos de Catequese, de Juventude, de Pastoral Operária". O que o padre Chico quer dizer, é que no Clube de Mães, como nos outros grupos, a convivência gira em torno de preocupações comuns. No Itaim Paulista, as preocupações das mães têm muito em comum. A pobreza do bairro, populoso e operário, já é um reflexo dos problemas

que afetam a todos.

— O problema número um é a creche, diz o padre Chico. E a creche está ligada ao problema da sobrevivência, do preço da alimentação, do aluguel, do baixo salário. Se o salário é baixo, a alimentação fica muito cara para a maioria das famílias operárias e as mães são obrigadas a trabalhar para dar de comer aos filhos. E os filhos ficam trancados em casa, enquanto a mãe está fora, ou, ainda pior, abandonados à aventura das ruas.

Todos os menores do Itaim Paulista na mira do Clube

Dona Dalva, no momento em que foi encontrada, acabava de colocar o ferro de passar roupa em posição vertical para não queimar a toalha, e preparava o café para as visitas. Sempre tem visitas, na casa de Dona Dalva, do Clube de Mães da comunidade São Marcos, no Jardim Camargo Novo.

Dona Dalva foi mãe várias vezes. Hoje, com os filhos crescidos, ela continua sendo mãe de crianças que não gerou. Faz pouco tempo ela resolveu "adotar" três crianças de uma vizinha, "margarida" que varre as ruas da cidade para sustentar cinco filhos e o marido inválido por doença. E dona Dalva arranjou vaga no "prezinho" da escola local para as crianças que costumavam esperar a volta da mãe, sentadinhas na soleira da porta. Tem reunião de Pais e Mestres, a mãe não pode ir, lá vai a dona Dalva. E isso não é novidade para ela. Quando casou, levou junto dois irmãos pequenos que sua mãe, falecida, deixou. Do casamento, lhe nasceram mais seis, enquanto outras três crianças ela obrigava em sua casa repartindo entre todos o pouco que houvesse.

Dona Dalva oferece o cafezinho para Maria, uma vizinha, mãe de cinco filhos que agora está silenciosa numa cadeira, enquanto uma menina dorme no seu regaço, que anuncia nova gravidez. Dona Maria está com o marido desempregado há seis meses, e a nova gravidez torna difícil seu emprego de doméstica.

Da porta da cozinha da casa de dona Dalva, dá para ver a construção da capela do Jardim Camargo Novo, onde a comunidade já se reúne.

O que é Clube de Mães? Para dona Dalva, "é uma orientação pras mães se unir e se ajudar. Cada uma ficar isolada, chorando a miséria em seu canto não dá certo. Já que é pra sofrer, que sofra todo mundo junto, mas com esperança de mudar de vida".

Na Comunidade São Marcos, o Clube de Mães tem uma dezena de mulheres. E quem tem um pouco, ajuda quem não tem nada. Na pequena comunidade, tem curso de corte e costura, e no meio do trabalho, diz dona Dalva, "a gente conversa e troca idéias, o que já é uma ajuda para muitas mães cheias de problemas, muitas delas precisando de ter alguém que possa ouvi-las".

Corte e costura não é tudo. Para entender a Comunidade São Marcos, e outras comunidades, talvez baste o exemplo das reivindicações dos bairros e do peso da participação das mulheres. No Itaim Paulista, as mães do Clube de Mães representam uma pequena força organizada. Falam do "Lixão" e se juntam para liquidá-lo; falam do preço da alimentação e o do baixo salário, e se juntam para assinar o abaixo-assinado do Custo de Vida, enquanto as discussões e conversas passam do nível das lamentações para a preparação de soluções.

MENORES ABANDONADOS

As crianças abandonadas estão preocupando as mães da Comunidade São Marcos. As mulheres se juntaram, fizeram uma pesquisa no bairro Jardim Camargo Novo. Falarão com 95 famílias com problemas para criar os filhos e pretendem convocar os pais para uma reunião daqui a alguns meses.

E o que é um menor abandonado? Para Dona Dalva, "é aquele que na hora da comida não tem ninguém para dar a ele, porque a mãe está fora trabalhando, ou está em casa e não cuida dos filhos, ou porque os pais bebem e as crianças fogem de casa". Nesse momento, Dona Dalva aponta para o lado da Igreja em construção e comenta:

— Quantas vezes não vi meninos dormindo à noite no terreiro da igreja e quando convido eles para um café, acabam acusando pai e mãe?

Dentro dos limites de uma determinada situação, dona Dalva e suas amigas ampliam o sentido de ser mãe.

Mães do Capão Redondo: "O problema é de todos"

No final do ano passado, as mães do Capão Redondo, Santo Amaro, fizeram uma avaliação do que aconteceu durante um ano de atividades nos Clubes de Mães do Setor. A avaliação foi publicada em forma de livreto para ajudar a caminhada dos mesmos movimentos em outros setores. Segue um resumo da avaliação.

mília, falta de ter com quem deixar as crianças, incompreensão do marido ou da família. Ainda, falta de vontade, gravidez, fofocas, muito barro nas ruas em dias de chuva.

Por que muitas desistem? Não gostam de discutir problemas, o trabalho do clube exige luta e responsabilidade. Outras desistem porque a situação financeira obriga a trabalhar fora. Há também a falta de interesse e o medo de se comprometer.

O que foi mais importante? O trabalho em benefício de todos, o crescimento, juntas, a união e a amizade, os papos e os desabafos, a valorização do ser humano, a conscientização das pessoas, as lutas pelo Movimento do Custo de Vida, por creches, escolas, postos, os trabalhos e visitas às favelas.

O clube é conhecido no bairro? O que os outros moradores acham do clube? Os clubes de mães ficam conhecidos quando fazem um trabalho aberto para o bairro: bazares, reivindicações, etc. Em alguns bairros os moradores conhecem o trabalho dos clubes, mas criticam. As críticas que mais aparecem são: nos clubes se mistura religião e política o clube é lugar de mulher desocupada? O clube é lugar de aprender e ensinar trabalhos manuais e não lugar de discutir problemas.

Mas... nem tudo são rosas! Há também os "ossos do ofício" e as falhas mais apontadas nos trabalhos deste ano foram: falta de participação de algumas mulheres; desistências; falta de pontualidade; mulheres que

aprendem os trabalhos manuais e não voltam; dificuldade de muitas em participar das discussões.

O que foi mais importante? O trabalho em benefício de todos; as comemorações em conjunto como Dia das Mães, 1.º de Maio, a conscientização das pessoas, as lutas pelo Movimento Custo de Vida, por creches, escolas...

Na avaliação já saíram algumas respostas às críticas de que não se pode misturar religião com política, ou que lá no clube não é lugar para discutir problemas. As mães rebatem, afirmando que "antigamente os problemas dos bairros e da sociedade ficavam nas mãos só de alguns políticos, e só homens. Hoje, sabemos que esses problemas são de responsabilidade de todos e também das mulheres."

“Dia das Mães? Meus fio nem sabe que existe essas coisa”

Texto de M. A. R. A.

Amor e egoísmo são parte da vida que se desenrola diariamente entre as paredes do Amparo Maternal, guardião de dois mundos opostos: o mundo das mães que por falta de condições ou medo abandonam seus filhos recém-gerados, e o mundo das mulheres que não podem ser mães e procuram uma criança.

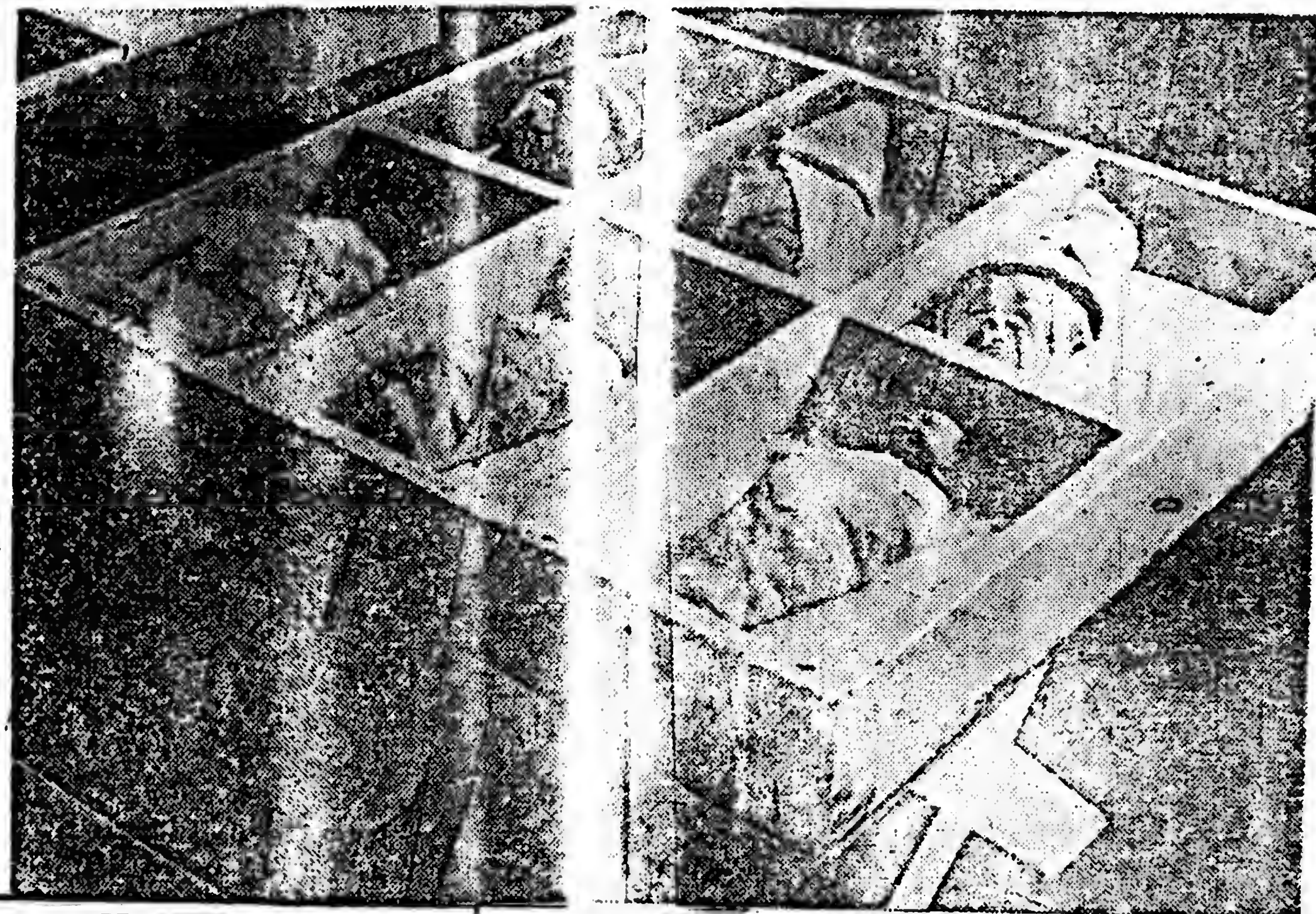
Muitas histórias que ali são contadas tentam explicar o abandono dos filhos.

Outras, procuram explicar porque tantos casais procuram bebês para adotar

As explicações encerram dramas que no Amparo se sucedem.

Lúcia a doméstica, Tita a ruidosa, Laura a discreta, Denise a estagiária de medicina que comenta rindo o movimento do Amparo, José que fala da criança entregue numa folha de jornal que ao ser tirado vinha com a pele da criança.

Todos estão aqui, contando o outro lado da poesia da Maternidade.



...mundo... contrário... Amparo Maternal... O mundo das mulheres, que não podem conservar seus filhos, e o mundo das mulheres que buscam filhos, por não podem gerar.

As futuras mães vão para lá não têm a quem recorrer. Como Maria, chorando, cercada por trouxas e malas, nas escadas do edifício onde trabalhava até horas antes, quando a patroa descobriu sua gravidez, que já atrapalhava os trabalhos mais pesados, e expôs-a. Já Lucia tivera melhor sorte, apesar de abandonada pelo noivo. No embarque da patroa, que seguia para fora do país, esta estava preocupada com a evidente indisposição da moça e pediu a uma amiga que cuidasse dela. Logo se viu que Lucia estava gravemente... grávida. Pois a senhora não só aceitou o encargo como tem consigo Lucia e a criança, que como o filho de Maria, nasceu no Amparo.

Também nas adoções tanto se pode ver, casos de amor, como de egoísmo. Não são raras as pessoas como José. O casal acaba de receber o bebê esperado para adoção. A esposa o acaricia, o mima, o embala. A pessoa que o trouxe tenta explicar a José as condições de saúde da criança, os exames médicos altamente positivos por que passara, mas é violentamente interrompida:

— Deixa de conversa. Você não viu como chegou meu penúltimo filho? Veio num embrulho de jornal, a pele saia com o papel quando nós o limpávamos. Deixa os exames pra lá, fica quieto e deixa eu ir ver meu filho mais novo”... Isto quando se sabe quantos casais USAM uma criança, uma vida que se lhes oferece, para tentar, por exemplo, remendar um casamento rompido!

Vadi, 23 anos, no 7.º mês da primeira gravidez, rompimento da bolsa. O pai?

“Num tenho opinião pra casá com ele, não, ele num dá futuro. A patroa também acha, acha que eu devo de largá também o bebê aqui com as irmãs. Ganho 1.500 cruzeiro, esse é o problema, ainda mais bebê de 7 meses, deve de ser complicado..

São 8 horas da manhã de domingo, o movimento na recepção é intenso, vêm chegando 3 clientes, 3 médicos, depois mais duas plantonistas se revezam no atendimento-solicitado e brincalhão:

“Não faz força, não calma não vá o bebê nascer aqui, “na rua!”

Denise, estagiária do 4.º ano de Medicina, ri quando se comenta o movimento: “Precisa ver isto no domingo passado. A noite toda iam chegando de 4 em 4, não deu tempo nem de ter sono: Talvez por causa do frio vieram todas na última horinha, tivemos de atender muitas no corredor mesmo, as 4 saletas sempre estavam lotadas.”

“E na 4.ª-feira que faltou força? Nasceram 46 crianças e todas as macas com as mães subiram no braco, com a ajuda até dos pedreiros aí da reforma.

Um gritava: “Cuidado, minha cabeça tá caindo!”, outra acabou tendo o filho

aqui mesmo, nos primeiros degraus da escada,” comenta outra estagiária do 5.º ano, Wanda.

“NÃO VEIO MÃE AQUI CURTIR FILHO.”

“Dia das Mães aqui? Irmã Rosina dá um enxoval pros bebês, há festa... Mas eu não vejo mãe daqui curtir filho... É a situação econômica. Ainda quando é o primeiro... mas quantas vezes perguntam se o feto ainda se mexe e choram... quando se diz que sim! É o oposto de maternidade de luxo,” diz um médico.

“Quatro de nós, que estávamos atendendo uma mulher saímos todos arranhados, unhados, quando ela soube que tinha gêmeos,” conta Wanda.

“Dia disto, dia daquilo... Isto de estipular dias para se ter sentimento é terrível, é puro comércio,” afirma Denise.

No piso acima estão as mães com os recém-nascidos.

Sônia ainda nem chegou a ver o seu, que nasceu —

“muito feio, em dois minutos” — mas faz questão que se pareça com ela:

“Do pai”, que voltou do Nordeste pra conhecer o filho, depois de tê-la abandonado grávida, “não quero mais saber. Minha família vae me ajudar a criar a Milene, como eu ajudo eles desde que a nossa mãe morreu, num dia das mães.”

As camas são incoíplados minúsculos bercinhos onde os pequeninos passam os dias. Sobre uma delas, um bebê abandonado com uma trouxinha.

“Mãe que não tem juízo! Perdi uma menina com 3 dias. Jesus me deu este hominho. Tamos juntos, eu mais o pai, graças a Deus, há 2 anos.”

De biquinho aberto esmoado, o bebê procura o leite no seu seio: “Minha mãe vai cuidá bem, muito, de mim, tia, se Deus quizer”, murmura Silene, 21 anos.”

Risonha na camisola de nailon rosa, é uma das poucas engalanadas no quarto

“Você já pensou que este domingo vae ser mãe no dia das mães?”

“É mesmo, é. Pra quem tem mãe perto, é o dia mais bonito que existe. Sabe, acho que um presente é importante, não custa, é obrigação de todo filho.”

“NA HORA A GENTE NUM PENSA”

Nisto vem chegando a mãe daquela trouxinha abandonada, e todas a interrogam entristecidas:

“É verdade, Bia?” — “Você vae ter corage memo? — “Menina, você já pensou bem?”

Ela se faz de durona, nem olha o pacotinho, parece muito eficiente nos seus 18 anos sofridos, embalando suas coisas, mas, de repente retruca duramente:

"Homê pega a gente limpa, e deixa assim... Na hora a gente num pensa, agora num tem jeito. . já assinei e pronto. Cumé que vô sustentá sozinha este e o de dois anos?"

As lágrimas descem até sua blusa, já ensopada no peito.

"CREIO NA ADOÇÃO COMO NA CONCEPÇÃO"

"Todo o trabalho do Amparo Maternal é feito para manter unidas a mãe e a criança. Mas na nossa realidade sócio-econômica as vezes isto não é possível." Irmã Rosina afirma serem quase nulos os casos de rejeição da mãe, mas frequentes os de real impossibilidade delas manterem os filhos.

"Creio na adoção como na concepção, ambas são obras divinas, patentes." A casa nunca prepara a papelada burocrática antes da alta:

"Isto obriga as moças a voltarem aqui, e assim terem novo contato com o filhinho, justamente nos dias em que o leite desce, e a mulher se sente psicologicamente inclinada para o filho ao amamentá-lo."

Muitas se decidem a criar a criança então, apesar das dificuldades imensas.

"ISTO É A COISA MAIS BACANA DA VIDA DA GENTE!"

Um pouco adiante está a radiosa Conceição, baiana com 8 anos de Rio; e 6 de S. Paulo, como recepcionista de um colégio, que abrigará o bebê durante seu horário de trabalho. Poderá cuidar folgadoamente de seu Daniel, um arcanjo de queixinho redondo, com os Cr\$ 2.000 de ordenado.

"Interessante, isto," diz apontando o garoto. "é a coisa mais bacana da vida da gente. Preenche ela."

"NUNCA TIVE FESTA NA VIDA"

Vem depois a sala de operadas de cesariana. Num mesmo quarto para duas, está Socêgo, mulher de um feirante da Casa Verde. Ela nasceu na Bahia há 23 anos, teve ontem seu primeiro filho, que poderá viver bem com os Cr\$ 5.000 que o pai faz por mês, sem que a mãe precise deixar o bebê para trabalhar.

E Silya, tendo o 7.º filho aos 45 anos.

"Ah! Se pudesse já tinha parado há muito tempo!"

O marido, pedreiro não registrado, chega a ganhar uns 3.000 quanto tem serviço:

"Mas num tá fácil, não. Já temo 2 fia ajundando, uma teve de pará pra cuidá dos menô. Dias das mães? Nunca tive festa na vida, tudo é um dia só. Nem sei que dia é."

Além do bebê, ela tinha um quisto, e espera o resultado da biópsia.

"MÃE É UM BICHO BOBO"

No andar de cima fica a Area Social, onde se recuperam as moças que não têm para onde ir com suas crianças.

Uma solução para tais casos tem sido incentivada pelas irmãs: a organização de "repúblicas" de 2,5, ou até 10 moças. A manutenção e aluguel do primeiro mês; garantido pelo Amparo Maternal. É uma oportunidade de renovação de vida para elas, geralmente rejeitadas pelas famílias, e que assim não se sentem rebaixadas, na sua nova condição de mães.

É na Area Social que se encontra Tita:

"Mãe é bicho bobo, tudo que vê qué comprá pro fio."

Sua Fabiana, de 4 meses, é prova disto, toda de rendas e dourados, apesar de sua situação difícil.

"Fabiana é a primeira e a última. O pai é um pernambucano muito sem vergonha "fico com a filha mas sem ele, cada semana tava c'uma muié."

O que tem Tita de ruidosa tem Laura de discreta, com seus 4 anos de paciência:

"Tô desorientada. Logo antes do parto, meu marido, jardineiro da Prefeitura, foi assaltado, não pagamos o aluguel, tivemos de largar a casa. Os 4 filhos e as tralhas tão cum uma comadre, provisório. Trabalho num pensionato, ganho 800 mas cum o bebê num posso dormir lá, não me querem cum ele."

"Que acha do dia das Mães?"

"Nem tava me alembrando. Meus fio nem sabe que existe essas coisa. Todo dia eles pede a bença e beija eu. O presente deles é o amor deles, o respeito."

São 11 horas. Desde as 8, carteze novas parturientes entraram na casa; 37 já tiveram alta.

Parque Bristol pede uma creche no lugar do lixão

Moradores do Parque Bristol querem uma creche. Por trás do pedido, existem fortes motivos e muitas vítimas gravemente atingidas pelo "lixão" do Jardim Savério (um menino perdeu a vista), pelo córrego (muita gente apanhou meningite) e pelos ratos (mataram um bebê de quatro meses). Leia e responda se os moradores tiveram razão de reclamar pedindo soluções urgentes para os problemas do bairro.

Ajudados pelo Grupo Comunitário da Igreja Santa Cristina de Parque Bristol, os moradores do Jardim São Savério, no domingo, dia 7, se reuniram e, juntando as vozes, reclamaram às autoridades uma solução para os problemas mais urgentes do bairro. Do palanque armado no meio do lixão do Savério, homens e mulheres davam depoimentos sobre as doenças e estragos causados pelo córrego, provocador de enchentes; pela viela que possui um encanamento descoberto e pelo lixão, depositado ali há dois anos.

O córrego, que divisa o Jardim São Savério com o Parque Bristol, é o mais antigo problema daquela região. Muita sujeira das residências próximas é jogada nesse córrego, causando doenças graves, sobretudo nas crian-

ças. A menina Maria do Carmo Pinto Chagas, de 3 anos, quando morava naquele bairro, foi acometida de encefalite. Geraldo Ribeiro Chagas, pai da menina, conta que hoje a sua filha precisa de cem mil cruzeiros para ficar completamente curada. Ele promove shows musicais, em universidades e, além do objetivo de mostrar a realidade da periferia de São Paulo, tenta levantar o dinheiro para o tratamento de sua filha.

"O córrego do Savério é uma coisa anormal — dizia um dos cartazes pendurado no palanque. Quando inunda, quase mata o pessoal". José de Souza, morador ali há 13 anos, afirma que a chuva provoca terríveis enchentes por causa do córrego, inundando todas as casas próximas e trazendo todo tipo de

imundície para o quintal. Outra das muitas vítimas de doenças ocasionadas por este problema foi Eva Amara de Jesus, residente na Rua E, n.º 5. Em abril ela foi internada gravemente enferma. Estava com meningite. Eva que chegou em fevereiro da Bahia para tentar a vida em São Paulo, não tem dúvidas de que sua doença se originou das muitas vezes em que ela precisou atravessar o quintal inundado pelo transbordamento do córrego.

Outro problema levantado na reunião foi o da Viela 7, situada entre a Rua D e Rua E. Segundo João Batista, existem naquela passagem, canos da SABESP descobertos que estão para estourar a qualquer momento. Quando chove — diz ele — não dá pra passar". Dornélio Francisco da Silva, morador do Jardim João Savério há 10 anos, alerta que, se aquele encanamento estourar, todas as casas que estão ao lado da viela vão desabar.

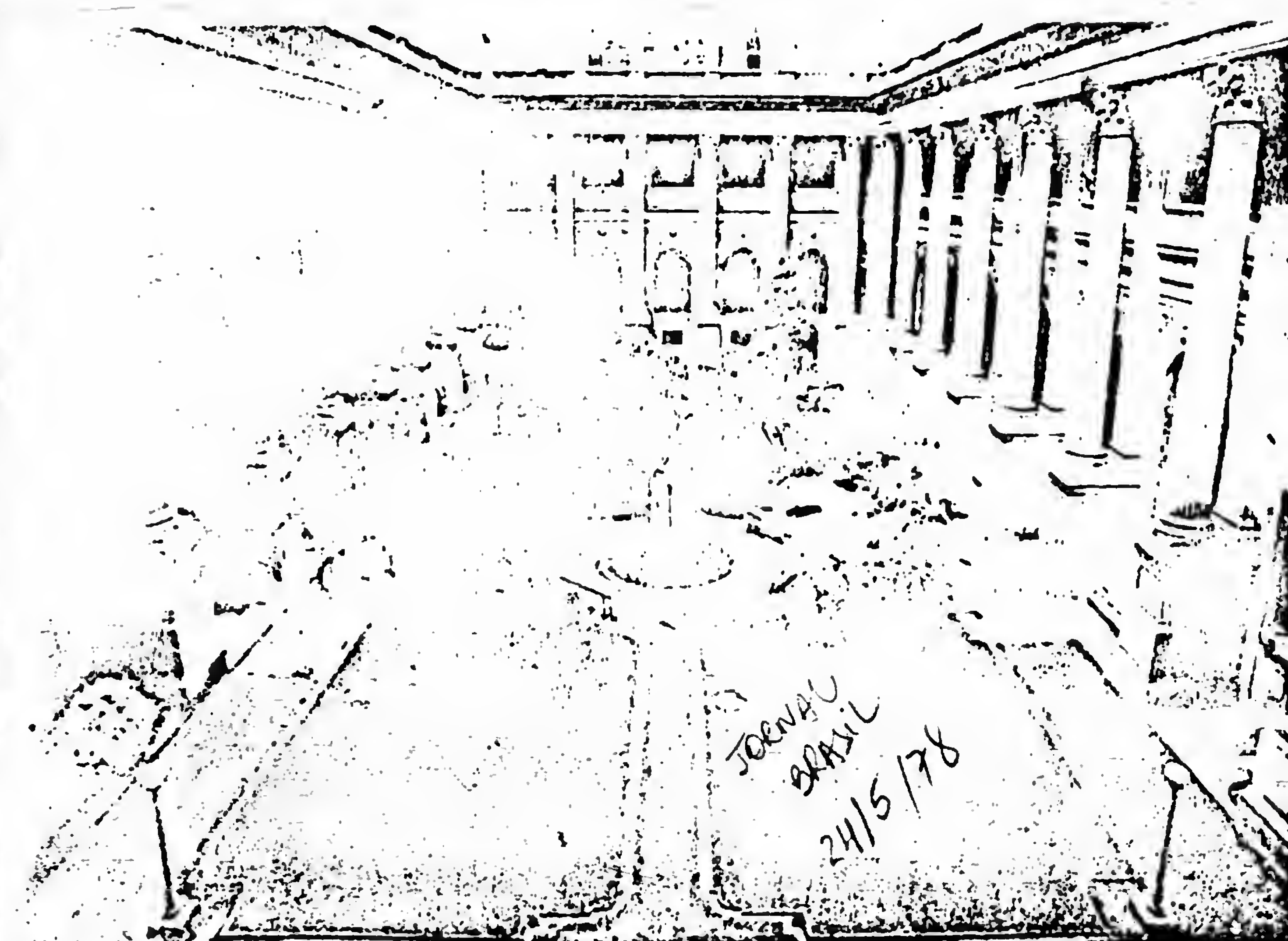
EM VEZ DO LIXÃO, UMA CRECHE

O terceiro problema provocador de vítimas é o lixão. Este é um buraco do Jardim São Savério, onde a prefeitura e firmas particulares despejam toda sorte de su-

jeiras — animais mortos, tripas, penas. Este depósito de lixo ocupa uma vasta área do bairro, onde as crianças brincam expostas aos perigos das moscas, ratos e baratas que se acumulam nos entulhos. Em janeiro do ano passado — conta Hilda Colomeno Teixeira — um destes enormes ratos entrou em sua casa e mordeu a cabeça de um dos gêmeos que dormia no berço. Em prazo de uma semana, a criança de 4 meses morreu.

Álvaro Veloso, operário de 45 anos, também é outra vítima do lixão. Ele queimou as costas e o braço em restos de plásticos na ocasião em que um grupo de crianças estava ateando fogo no lixo. O menino de 12 anos, José Luiz da Silva, brincava no lixão, quando um outro garoto pegou a cal do chão e atirou no seu rosto, deixando-o cego de uma vista.

Os moradores do Jardim Savério pedem a retirada do lixão e propõem a construção de uma creche no local para que as muitas mães que trabalham, tenham onde deixar os seus filhos. Já foram feitas várias tentativas — diz José dos Reis Silva, presidente da Associação dos Amigos do bairro, entretanto o problema continua em providências.



O belo jardim interno da Estação é fechado ao público

Jardins, creche, biblioteca, luminárias antigas, vitrais coloridos. Onde? Estação Júlio Prestes.

Reportagem de Regina Helena Telxela, fotos de Alfredo Rizzutti.

Os sons dos trens que partem ecoam pelas calçadas quase desertas do velho edifício. Os corredores ornados por arcos que os vários acessos são fracamente iluminados pelos raios do sol que penetram pelos vitrais e que, às vezes, chegam a tingir a grama das palmeiras do jardim interno com seus reflexos coloridos. Altos portões de ferro impedem a entrada dos não-funcionários nas salas e locais que marcam a história do antigo edifício da Estrada de Ferro Sorocabana, a estação Júlio Prestes. E é ali que estão muitos dos segredos.

Uma creche, ou talvez uma suspensória que existe uma creche dentro da estação? E mais: um jardim, com alamedas, bancos e luminárias antigas, e uma biblioteca com 13 mil volumes de literatura, história, ciências sociais e um vasto material sobre as nossas ferrovias, que inclui os relatos sobre as estradas desde 1880. São detalhes desconhecidos do público e das milhares de pessoas que chegam, diariamente, pelos trens do subúrbio, apesar de ali existirem desde a inauguração da estação.

Uma história que começa com a fundação da Companhia Sorocabana, a 2 de fevereiro de 1870, por Luiz Martins Maylasky, durante o ciclo do café, e com a inauguração, a 10 de julho de 1875, do primeiro trecho ferroviário, de São Paulo a Sorocaba, em 120 quilômetros. A 18 de janeiro de 1938, o governo de São Paulo compraria a ferrovia, mas somente em 1919 ela passaria a se chamar Estrada de Ferro Soroca-

bana. Seis anos depois, a administração, dando sequência ao plano de remodelação da estrada, sentia a necessidade da construção de uma estação de passageiros na Capital: um edifício "com características de grandeza e de verdadeira obra de arte arquitetônica".

Para a localização do prédio, que iria ocupar o local dos antigos armazéns de mercadorias da Estação de São Paulo e os seus pátios de materiais, foi necessária a aquisição de uma área de 1.407 metros quadrados, junto à alameda Cleveland e à rua Mauá, para a qual foi dispendida, na época, a quantia de 760 mil réis. O projeto, elaborado pelo engenheiro Samuel das Neves e pelo arquiteto Christiano das Neves (em 1925, ano em que Carlos de Campos era o presidente do Estado de São Paulo), foi aceito pela Estrada, sendo então iniciados os trabalhos preliminares de construção.

Diziam os relatórios da época: "O majestoso edifício terá, além do andar térreo, em que ficarão instalados todos os serviços da estação, mas dois andares e um mezanino, que serão utilizados pela Administração da Estrada. A sua área atinge a 8.100 metros quadrados, sendo que a área coberta será de 19.200 metros quadrados, inclusive suas plataformas e seus anexos. As plataformas, cuja cobertura repousará sobre arcos metálicos, umas serão exclusivamente destinadas ao embarque e desembarque de passageiros e outras para o serviço de bagagem e correios postais. Terá esta estação uma torre, que estará elevada a 72 metros acima do nível da rua".

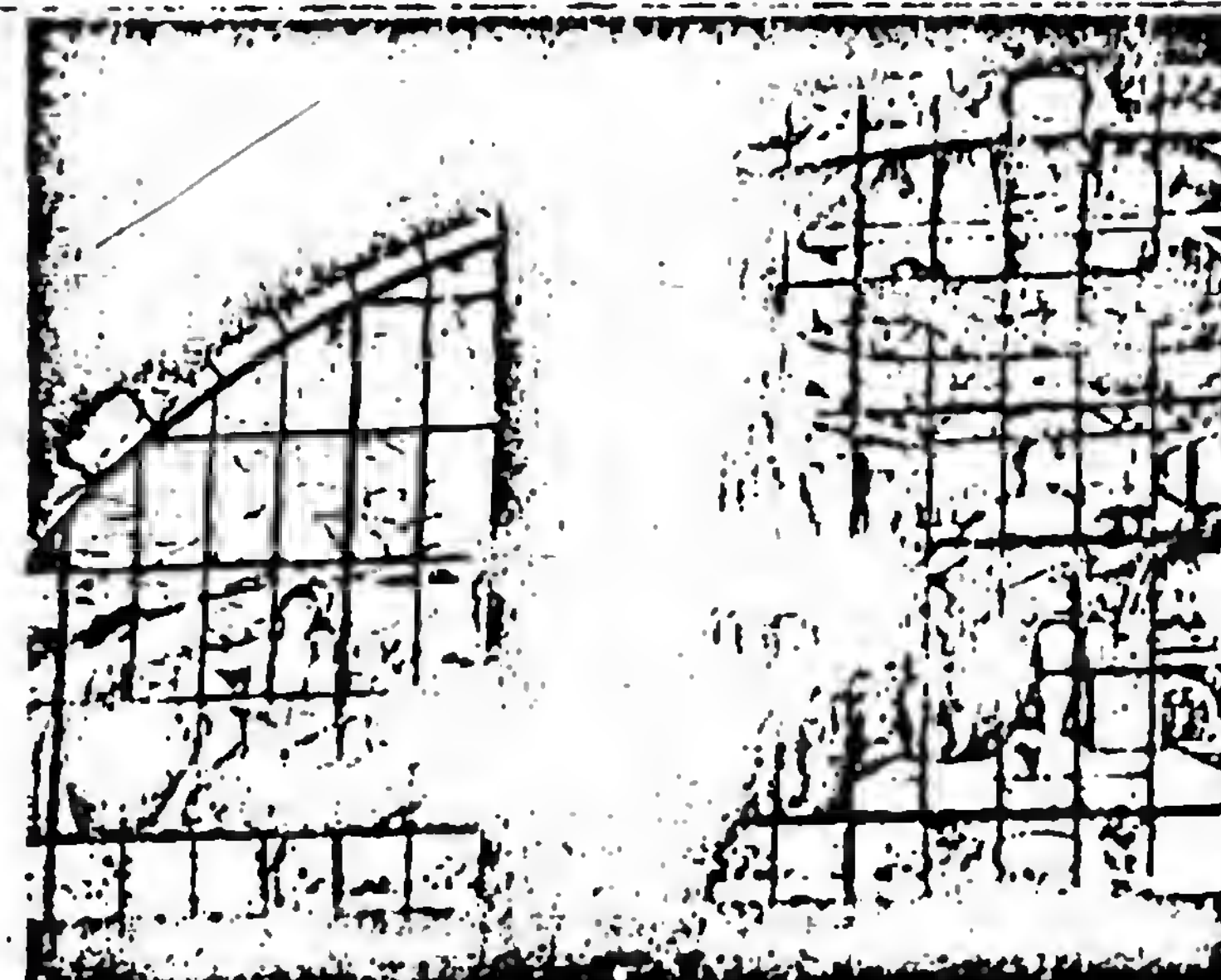
As 9h15 do dia 15 de outubro de 1938, em cerimônia que contou com a presença do interventor no Estado, Adhemar de Barros, do secretário da Viação, Guilherme Winter, e do diretor da Estrada de Ferro Sorocabana, Acrísio Paes Cruz, era inaugurada a estação Júlio Prestes, "assim denominada para homenagear ao homem público que muito fez pelo desenvolvimento da Sorocabana".

O VELHO PALÁCIO

O trem chega silenciosamente pelos trilhos até a gare. Não termina de parar junto às plataformas, quando as portas são abertas e milhares de pessoas partem, apressadas, em direção aos portões de ferro, prateados, que as separam



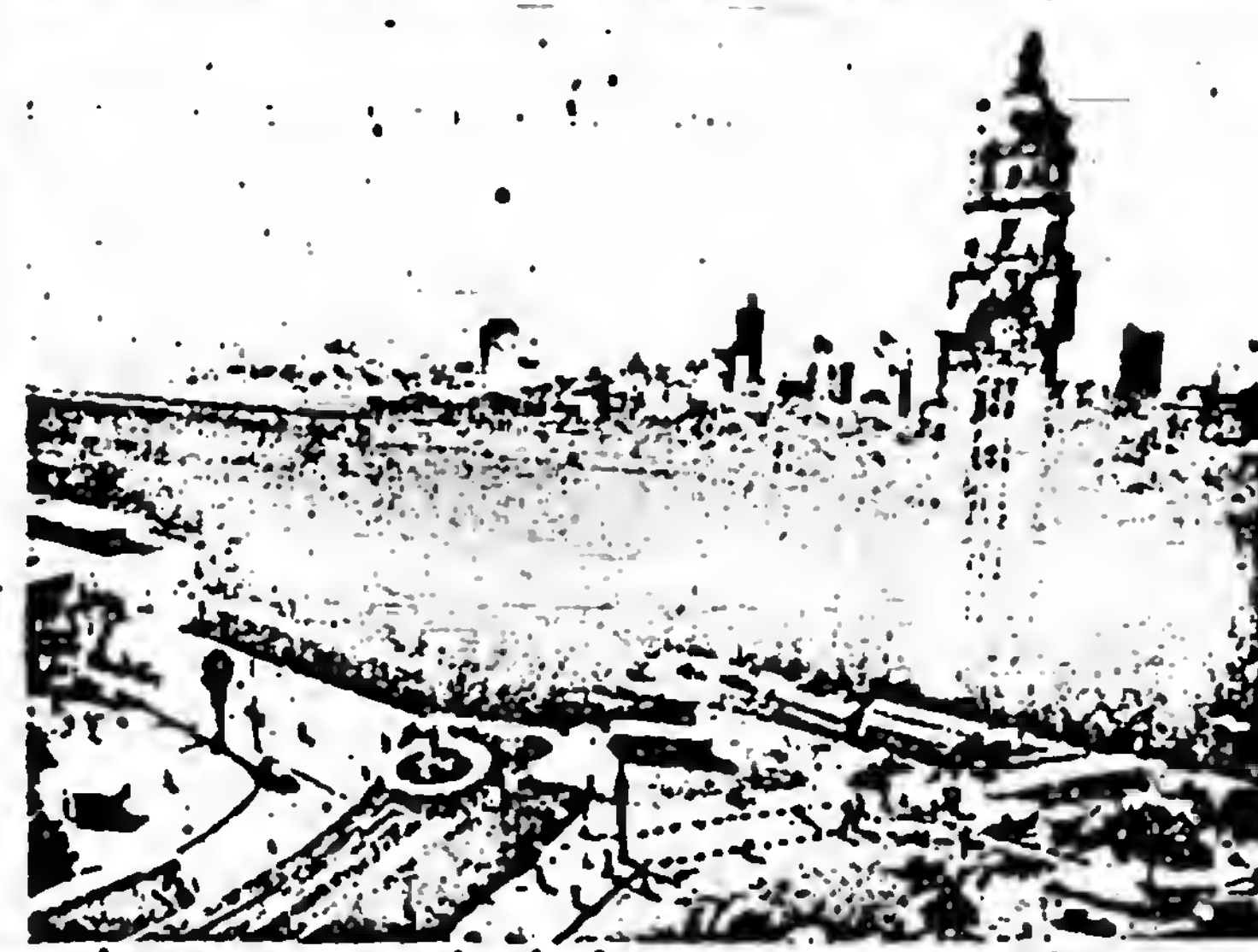
A estação será desativada dentro de 4 anos



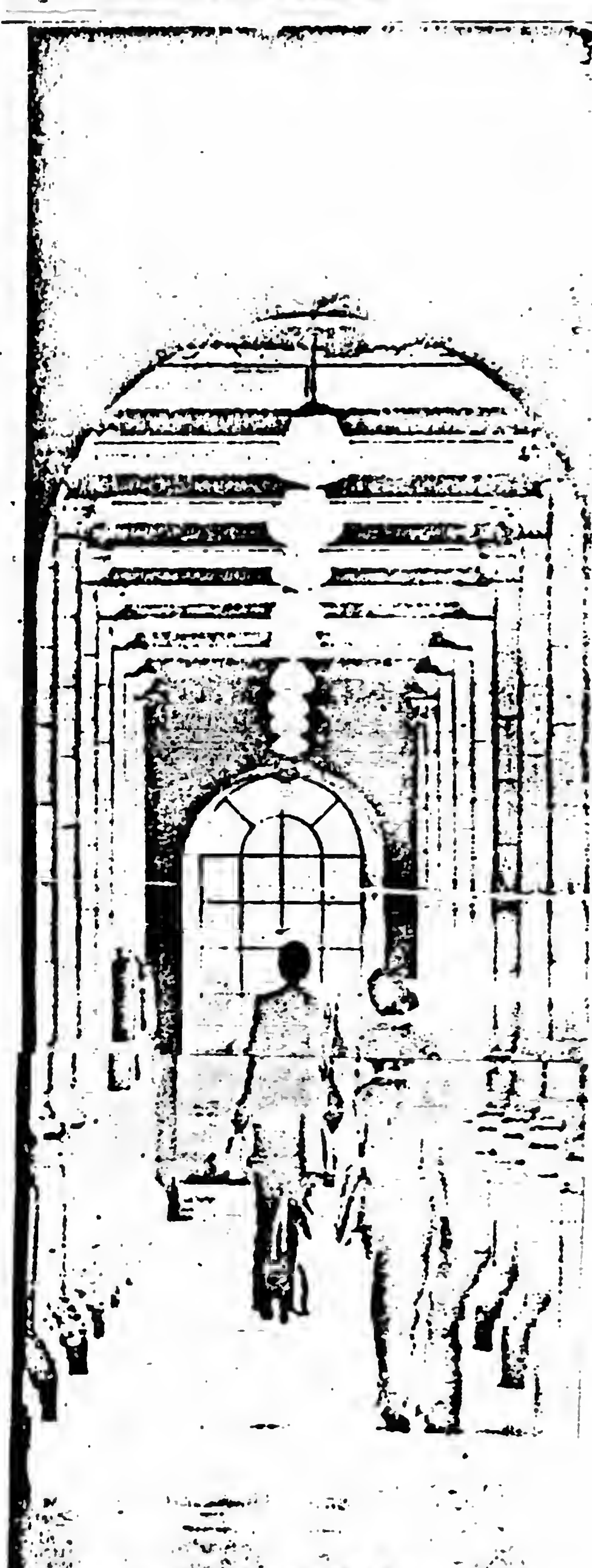
Nos vitrais, a história da Sorocabana.



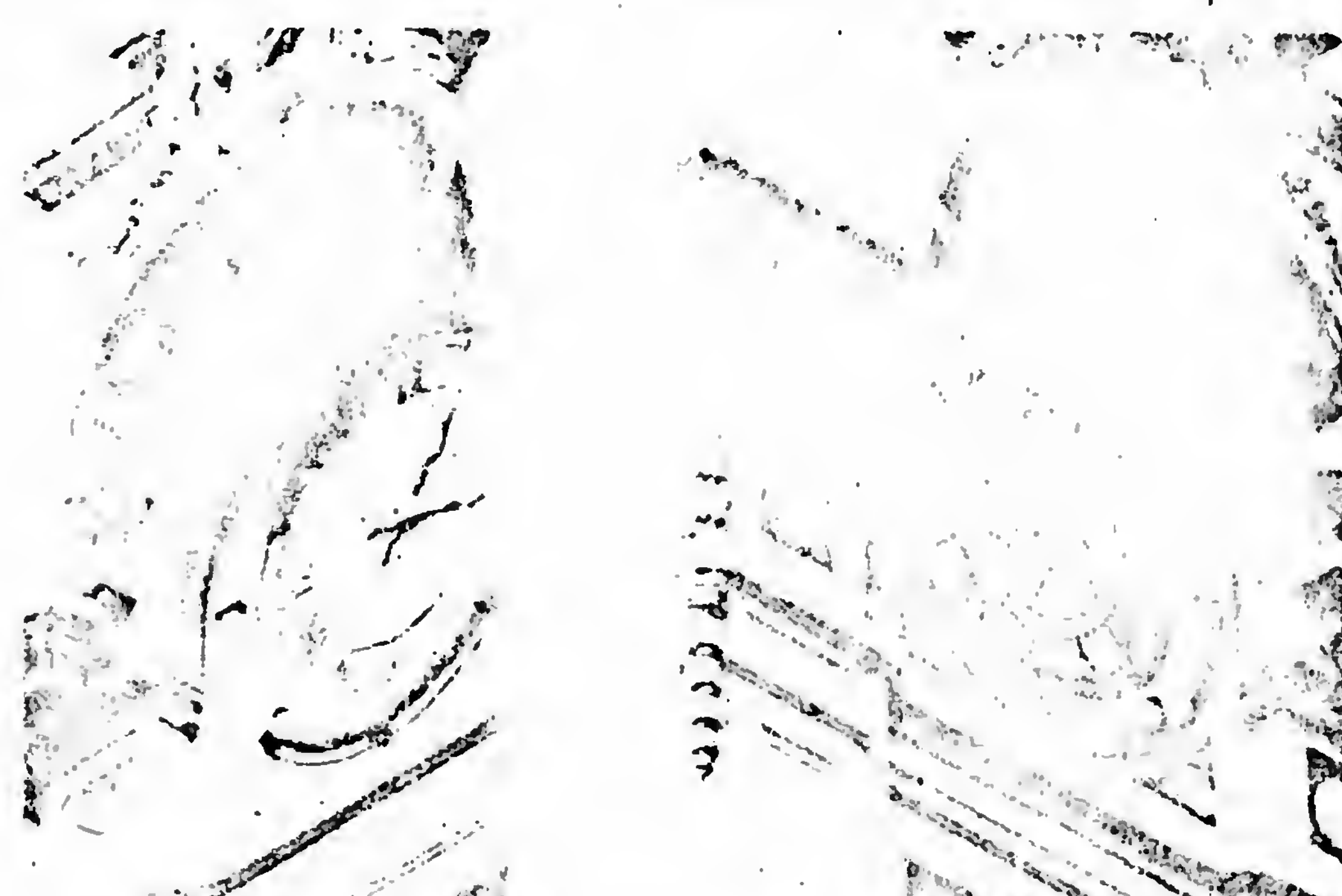
A estação por onde hoje passam dezenas de milhares de pessoas poderá virar um centro cultural



Na creche, são atendidas 60 crianças, filhas de funcionários da Estação Júlio Prestes.



Aqui também a entrada do público e proibida



O relógio fica em uma torre de 72 metros

do saguão principal. No meio das linhas ou pelas plataformas, faxineiros continuam seus serviços rotineiros de limpeza, enquanto os carregadores de bagagens (há 11 internos e cinco externos), gritam em busca de clientes.

Pequenas mochilas nas costas, sacolas com a marmita do almoço, alguns passageiros fazem uma ligeira pausa para o café ou para a compra de cigarros, no bar e na bomboniere do saguão principal. Quantos deles notariam o contraste que provoca o imenso anúncio das pilhas Ray-O-Vac, colocado abaixo de um dos vitrais? Ou teriam visto os três imensos lustres de bronze, cobertos pela poeira e pela fuligem, que pendem do teto, todo em vidros coloridos?

Dos vitrais, feitos por Conrado Sorgenicht Filho, o localizado à entrada do saguão evoca, com suas alegorias, momentos da história da Sorocabana. No lado oposto, o outro reproduz paisagens integradas pela ferrovia. Imagens antigas, não lembradas nas músicas modernas que saem pelos alto-falantes colocados por todos os saguões e que fazem as pombas — que entram pelos vidros quebrados — voarem junto ao teto. Dez grandes relógios, espalhados pelos salões, plataformas e torre, marcam a hora. O corre-corre terminou. Restam famílias, sentadas pelos bancos, que aguardam a saída do próximo trem.

Livraria, barbearia, bazares, cartazes multicoloridos, anúncios luminosos, cabinas telefônicas com 12 telefones públicos, agência postal e telegráfica e 19 vitrines quebram a harmonia de linhas do andar-térreo. Um problema que levou a Fepasa a abrir concorrência para a execução dos serviços de recuperação física do prédio, que envolvem a limpeza geral das dependências, reposição dos vidros, pintura, recuperação dos telhados para evitar goteiras e vazamentos, despoluição visual da estação e valorização de suas peças históricas. Esses serviços deverão começar no próximo mês.

Porém, o conjunto arquitetônico se mantém inalterado nas alas administrativas do velho prédio, onde se localizam os diversos departamentos. De qualquer ponto de seus imensos corredores, tem-se a visão do jardim interno, a céu aberto, porém fechado ao público. Por qualquer um dos quatro antigos elevadores ou pelas escadas de mármore de ferro chega-se ao

terceiro andar. É ali que está a creche da Fepasa.

Um portão, onde está pintada a figura de um pica-pau, separa gangorras, balanços e brinquedos da vida burocrática. Rostos rosados de crianças — filhos dos 1.100 funcionários da estação — sorriem diante do prato com o feijão, arroz, a carne e a verdura. São cerca de 60 meninos e meninas de dois meses a sete anos que permanecem na creche, durante o horário de trabalho dos pais, aos cuidados de três professoras especializadas, uma assistente social, sete auxiliares, uma auxiliar de enfermagem, uma cozinheira e sua assistente e da chefe da seção administrativa.

Sob os olhares atentos das responsáveis, as crianças, que chegam à creche às 7 horas da manhã, tomam seus lanches, almoçam, repousam, participam das atividades didáticas e jantam.

Um tratamento que recebem em troca do pagamento da taxa de 100 cruzeiros mensais, que são arrecadados pelo Clube das Mães, principalmente para a compra dos materiais de ensino.

Uma movimentação que ganha ritmo na Biblioteca, onde se encontram os 13 mil livros, dos quais cerca de dois mil contam a história de nossas ferrovias, e que está aberta aos funcionários e ao público de segunda a sexta, das 8h30 às 17h30.

SALAS VAZIAS

A grande estação, em estilo neoclássico da renascença francesa, há 40 anos em atividade, está com seu destino marcado. Dentro de quatro anos, quando o terminal da Barra Funda estiver construído e entrar em operação, ele será desativada e não receberá mais os 130 mil passageiros que hoje chegam diariamente, vindos da região Oeste da Grande São Paulo. Ela permanecerá para a cidade como um patrimônio histórico, embora as autoridades não tenham ainda definido exatamente o que será feito dela. Uma das idéias em estudo é a de transformar o edifício num grande centro cultural, onde se desenvolveriam atividades artísticas e sociais para os paulistanos.

O terminal da Barra Funda, que deverá ser

construído pela Prefeitura, integrará as estações de subúrbio da Fepasa e da Rede Ferroviária Federal, além do metrô, ônibus intermunicipais e intermunicipais (que chegam pela Anhanguera, Castelo Branco, Regis Bittercourt e, no futuro, pela via Norte) e ônibus urbanos. Avaliado em 2 bilhões de cruzeiros, está sendo projetado para uma área de 250 mil metros quadrados, onde hoje se localiza a estação Barra Funda da Fepasa, sendo também necessária a desapropriação de uma área de 5 mil metros quadrados.

Diversos estudos para a estação Barra Funda estão sendo desenvolvidos, paralelamente, pela Companhia de Engenharia de Tráfego, Companhia do Metrô, Empresa Municipal de Urbanização, Secretaria dos Transportes, Secretaria de Vias Públicas e Cogep, para que os reflexos do maior terminal integrado de transportes de São Paulo não tragam problemas à região Oeste.

A nova estação Barra Funda terá três pavimentos. No térreo, funcionarão os estacionamentos, terminais de ônibus urbanos e plataformas para as estações ferroviárias e metrô. No mezanino superior, os passageiros serão distribuídos pelas plataformas do metrô e ferrovias. No terceiro andar, ficará a estação rodoviária, junto com as atividades comerciais, serviços públicos, saguões de espera, outras dependências, que deverão estar preparadas para receber os milhares de passageiros diários que passarão por ali.



No salão vazio, nem os funcionários entram.

REGIÕES

O Amparo Maternal apela pelas mães desamparadas

O Setor Vila Mariana da Região Ipiranga (Sudeste), está fazendo um trabalho conjunto com o Amparo Maternal, no sentido de dar atendimento às Mães Desamparadas.

A grande obra social do Amparo conta com a colaboração do Setor, mas há tanto por fazer, que além de contar com a adesão de toda a Região Ipiranga, os responsáveis pela obra social de amparo às Mães Desamparadas vem apelar para toda a Arquidiocese, pedindo a colaboração de todos aqueles que quiserem e puderem ajudar.

Há algum tempo foi iniciado um trabalho junto às mães com a criação de algumas residências nas quais as mães e seus filhos formam uma pequena comunidade. Lá todas são responsáveis, mantendo-se com seus próprios recursos.

Com a finalidade de incrementar e organizar tais comunidades, foi criado um Conselho, do qual

participam: representantes do Amparo Maternal, voluntárias e casais do Setor Vila Mariana.

Após algumas reuniões do Conselho chegou-se à conclusão da necessidade da criação de quatro categorias de colaboradores das "Residências":

1. colaboradores contribuintes;
2. assistentes sociais;
3. voluntárias;
4. pessoas ou casais para administrarem as residências e/ou evangelizarem seus moradores.

O Setor Vila Mariana e o Amparo Maternal precisam de ajuda para continuar o trabalho. Se você estiver disposto e se enquadra em uma das categorias acima, será muito bem recebido e está sendo ansiosamente esperado.

Para maiores informações você deve se dirigir a:

1. Fleury e Dyrille Guedes Crispim, telefone 240-6669 (se você for assistente social ou quiser ser voluntária);
2. José Carlos e Marilena Guimarães, telefone 61-3868 (se quiser ser contribuinte).

São Miguel · leste 2

"REPARTA SEU CALOR COM QUEM TEM FRIO"

A Campanha, ao que parece, foi muito bem organizada. Basta propaganda nos jornais, rádios e TV. Foram impressos volantes e cartazes: "Neste inverno, muitas pessoas estão dependendo de você. Elas precisam de seu calor. Abra o seu guarda roupa e separe aquele paletó que você não usa mais, aquele vestido que caiu de moda, aquele cobertor que você acha velho". E assim por diante... A campanha foi organizada em promoção conjunta do Fundo de Assistência Social do Palácio do Governo — FASPG, Secretarias Estaduais, Municipais e Polícia Militar. "Tudo muito bonitinho! Uma vez mais, agora de forma oficial, a "caridade" é organizada..."

Quando as roupas, porém, chegaram à periferia, assistimos a espetáculo dos mais deploráveis.

São assistentes sociais de São Miguel Paulista que o atestam: "Os "agasalhos" eram velhos, trapos até, péssimo estado: sujos, rasgados. Além disto, quase toda a roupa era de verão..." Sabedores da campanha, os pobres se avolumam, em filas, às portas de Igrejas e postos de assistência em busca dos "agasalhos que o Governo mandou". Surgem, então, as revoltas, as reclamações. Semelhante situação foi denunciada durante a inauguração do Centro de Defesa dos Direitos Humanos de São Miguel Paulista. Mas, entre assistentes sociais de São Miguel Paulista, formou-se Comissão que se dirigiu ao Quartel da PM na Penha de onde foram enviados os agasalhos para São Miguel), para pedir esclarecimentos a respeito dos lamentáveis fatos. No quartel da PM, as assistentes sociais foram informadas de que se tratava de doações do povo de

nossa Região. No entanto, sabemos que lojas e fábricas de tecidos fizeram grandes doações, tanto em qualidade, quanto em quantidade. Por isto, a Comissão pergunta:

— quem é que está usufruindo de tais doações? Quem está se promovendo com esta Campanha?

— Até quando devemos aceitar esta campanha mentirosa?

— Ao promover campanhas semelhantes, o Governo não está dando testemunho da própria incapacidade? É evidente que sempre teremos na sociedade, pessoas necessitadas de nossa caridade, quando, porém, é todo um Povo que passa frio, não estamos diante da clamorosa injustiça de que aqueles que constroem a grandeza da nação, recebendo salários miseráveis, não têm possibilidade de comprar cobertores e agasalhos para o inverno?

INAUGURA-SE NOVO SALÃO

Neste domingo, às 17 horas, está sendo inaugurado o salão do Centro Comunitário de J. Pedro Nunes, integrado à comunidade paroquial de Ermelino Matarazzo. A Comunidade de Pedro Nunes está entregue aos cuidados pastorais do Pe. Haddad e do seminarista Carlos que, com equipe de leigos, estão animando a campanha daquele povo.

CONSELHO PRESBITERAL REUNE-SE

Nesta terça-feira, o Conselho Presbiteral da Região estará reunido, a partir das 9 horas, para encaminhamento de vários temas, devendo estudar, também, nosso próximo retiro de padres e o encaminhamento do plano regional de pastoral.

Sé · centro

PASTORAL DA JUVENTUDE

Na Paróquia Nossa Senhora de Monserrat, reuniram-se dia 22 último os representantes de 5 setores da Região Sé, faltando apenas o Setor Pari.

O objetivo da reunião foi estudar o "como" por em prática as duas grandes metas aprovadas por unanimidade por todos os representantes das Regiões da Arquidiocese de São Paulo na última Assembleia da Pastoral da Juventude, dia 17 de junho, com a coordenação de D. Joel Ivo Catapan.

As metas aprovadas foram as seguintes:

1. Incentivo à forma-

de Novos Grupos de Base (grupos de jovens) e formação integral libertadora dos grupos existentes;

2. Engajamento nos ambientes naturais (trabalho, escola, bairro, família) dentro do espírito e objetivos das Prioridades Pastorais da Arquidiocese de São Paulo: Comunidades Eclesiais de Base, Direitos Humanos, Mundo do Trabalho e Periferia.

Segunda-feira, dia 3 de julho, a reunião continuará na Paróquia Nossa Senhora da Paz, na rua do Glicério, 225, às 20 horas.

Santana · norte

CENTENÁRIO DOS PADRES DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS

Neste ano, a Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus está comemorando o centenário de sua fundação. Trabalhando na Região, na Igreja N. Sra. da Candelária, de Vila Maria, está uma comunidade religiosa da Congregação.

No dia 28, dia oficial das comemorações centenárias, houve a celebração da Santa Missa de Ação de Graças, na Igreja N. Sra. da Candelária de Vila Maria, celebrada por d. Joel Ivo Catapan, bispo da Região Santana.

D. Joel, em nome dos paroquianos, amigos, religiosos e padres do Setor e Região, louvando

ao Senhor por tudo que esta Congregação tem feito pela Igreja em todo o mundo, agradeceu aos padres do Sagrado Coração de Jesus por todo o bem que têm feito e continuarão fazendo em favor de nossos irmãos de Vila Maria.

MISSIONARIOS DA CONSOLATA

No dia 2 de julho a Região Norte estará comemorando dois grandes

acontecimentos: Inauguração, pelos padres da Consolata, do Seminário Filosófico-Teológico "José Allemanno", situado à rua Itá, 381, bairro da Pedra Branca (Jardim Peri), destinado a ser Casa de Formação dos Missionários da Consolata para a Província do Brasil; Ordenação do Diácono Nelson Senigalia, dos Missionários da Consolata, que receberá a sagrada Ordem das mãos de d. Joel Catapan, bispo da Região, em cerimônia que será realizada na Igreja N. Sra. da Penha, à rua Helvétia Gomes de Oliveira (Mandaqui).

JUBILEU DE PRATA SACERDOTAL

No dia 5 de julho o pe. Santo Mário Granzotto festejará seu jubileu de prata sacerdotal.

Para comemorar a data a Paróquia Nossa Senhora da Salette promoveu um tríduo preparatório, encerrando-se com Missa celebrada dia 25 de junho último às 11 horas, por d. Joel Catapan.

Belém · Ieste I

DOM LUCIANO COMPLETA 20 ANOS DE ORDENAÇÃO

No próximo dia 5 de julho, D. Luciano Mendes de Almeida, completa seu 20.º aniversário de ordenação sacerdotal. A Região Belém cumprimenta seu Pastor nesta data, agradece seu trabalho pastoral que é admirável e pede a Deus que continue seu fecundo sacerdócio, hoje em plenitude episcopal.

FESTA DO PADROEIRO SÃO JOÃO BATISTA DO BRÁS

No dia 24 último, às 17,30 horas a comunidade de São João Batis-

ta do Brás compareceu em massa para festejar seu padroeiro.

A Celebração Eucarística, com a presença de D. Luciano, foi muito participada. Logo após a praça da Igreja acolheu o povo para os festejos de São João.

Tudo gratuito. Todos puderam beber café, quentão e suco, e comer sanduiches e bolo. A comunidade viveu momentos de muita alegria. A festa foi preparada durante os 24 dias do mês, com oração, reflexão e visitas às casas.

As mulheres na greve

Uma das greves que mais chamou a atenção entre as dezenas realizadas em São Paulo nas últimas semanas foi a da Brosol, uma fábrica de carburadores de Ribeirão Pires, no ABC. A greve foi praticamente dirigida pelas mulheres, que são maioria na fábrica (800, num total de 1.300 empregados). Elas participaram ativamente da assembléia que, no restaurante da empresa, avaliou a proposta patronal de aumento de 15% e antecipação de mais 5%. O depoimento de uma operária da Brosol:

"Fiquei sabendo do movimento através de meus irmãos que trabalham na Ford e Mercedes, quando chegaram em casa falaram que tinham parado.

Na sexta-feira, pela manhã, quando cheguei na minha seção, vi que tinham espalhado bilhetes que diziam: "A Fábrica de Cobertores Parahiba está querendo comprar esta empresa porque dizem que aqui só tem carneiro. Vamos mostrar que isto não é verdade, nós queremos também o aumento".

Eu já tive experiência de outras greves que foram um fracasso. Então, eu não acreditava muito nisso. Trabalhei, há muito tempo, na Valisère, quando organizaram uma greve muito mixuruca e pararam por conta própria, muito sem graça. Assim que pararam, vieram os chefes fazendo pressão e o pessoal logo voltou ao trabalho.

Eu tomo conta de um setorzinho onde só tenho que prestar contas ao chefe da seção. Lá, então, as meninas achavam que a gente e os líderes iam contra a greve. Eu disse logo que estaria a favor, é lógico, não só para colaborar com o pessoal, mas eu também preciso de aumento. Todos estavam numa tremenda expectativa, alguns tinham medo de outros não aderir. Na segunda-feira, apareceu outro bilhete, onde pedia para todos parar na terça às 9, ficando em ordem, sem bagunça prá não haver provocações.

Passamos o dia todo comentando, citavam exemplos de outras fábricas, discutiam quais as seções que estavam mais organizadas, que seção ia parar primeiro e tal. Ao terminar meu trabalho, comentei com uma colega que estava deixando o serviço todo organizado porque na terça todos iam fazer a greve, né?

Na terça-feira, depois do cafezinho, ficamos parados. Na seção das prensas fazia barulho, as máquinas estavam funcionando, mas logo depois de 15 minutos



todos pararam, veio o silêncio. Vieram os chefes, todos os chefes são homens, capa azul-marinho e azul-claro, encarregados, tentando convencer, pediram dois representantes de cada seção. Os homens não mandaram representantes, não, a gente não sabia que isso podia representar perigo e minha seção enviou duas meninas. No Departamento do Pessoal, eles ameaçaram as representantes e avisaram que iam descontar as horas paradas. Então, as meninas mandaram chamar o sindicato.

Almoçamos às 11 horas e continuamos parados, quando o pessoal do sindicato chegou, às 2 horas. O Marcílio (presidente do Sindicato) subiu na mesa para conversar. Na minha seção tem 214 mulheres e uns nove homens, todos estavam em volta e pediram 20%. Minutos depois, chegou a diretoria do sindicato de volta: "Eles deram 15%". Ninguém aceitou: "nós queremos 20%".

Marcílio: "Se for preciso ficar parados 3 dias, vocês ficam?"
"Ficamos".

Voltaram eles lá pra cima e ficaram quase uma hora discutindo. Aí o Marcílio nos propôs os 15% e mais 5% de antecipação que poderia vir a ser discutido no futuro se descontam ou não. Aí a gente aceitou - Vamos sair com 20% de cara e depois a gente discute o caso desses 5 por cento.

Eu acho que a maioria ganha uma miséria. 70% das 800 mulheres são menores de idade e ganham 7,10 por hora. São pouquíssimas as mulheres que ganham mais de 3 mil, eu ganho dois salários mínimos, então, esses 20% não dá muita despesa prá eles não. O tipo de peças que fazemos, carburadores, só tem duas fábricas no Brasil, não tem concorrentes. E eles têm compromissos com as outras indústrias, poderia causar problemas, e eles não têm estoque de carburadores prontos.

Outra coisa foi a união da turma toda, foi um negócio fabuloso. Os homens que trabalham em firmas grandes têm que segurar o emprego com unhas e dentes. Já as meninas, que são na maioria menores, não têm muito o que perder, então elas enfrentaram o negócio com mais firmeza. E desta vez o pessoal está mais esclarecido, tem mais estudo e levado isto mais a sério. Todos estavam mais seguros de si, a turma sabe mais o que quer.

Os homens não apareceram muito não, mas fizeram um papel importante. Foi uma união muito boa".

A estrutura sindical

Operário Desempregado - Os sindicatos estão numa situação delicada. Por um lado, no caso de assumirem uma greve correm o risco da intervenção imediata. Mas, por outro lado, quando eles não assumem, como foi o caso da Volks, onde houve até proposta de que o pessoal voltasse ao trabalho, correm o risco de sofrerem um prejuízo muito maior, que é uma desmoralização muito grande perante toda a categoria. Hoje, na assembleia da Volks tinha muito nego falando: gente, mas é isto que é sindicato? A gente vem aqui buscar apoio e encontra um diretor mandando a gente voltar para o trabalho. O diretor do sindicato, o advogado, foi ratificar e dizer que não tinham dito. Mas eles haviam dito, sim.

A questão da estrutura sindical é também outra questão política, como a lei de greve é também uma questão de força. O sindicato livre, independente do Estado, não vai sair porque vai simplesmente mudar o decreto. Acho que conquistar um sindicato livre é uma tarefa para todos os trabalhadores. A gente vai ter que conseguir isto palmo a palmo. Vamos ter que criar e estabelecer organismos livres e independentes dentro da própria fábrica. Desde o tempo de Getúlio, Jango, que o sindicato se encontra assim atrelado. Eu acho que a gente tá fazendo um pouco disto agora, conquistando na prática um sindicalismo livre, dentro da fábrica.

Mercedes-Benz -

- Este movimento todo, que está acontecendo, já é um passo, uma caminhada para o sindicato livre. Só agora a categoria começa a entender a necessidade das Comissões de Fábrica, o próprio sindicato já falou muito nisso. Para um movimento futuro, a gente tem que pensar nisso, tem que crescer a organização dentro das fábricas.

A luta pela democracia

Operário Desempregado: Os trabalhadores ganham muita coisa é no tapa mesmo, nas lutas, mas isto tem que ser garantido. E para isto tem que ter um partido político. A democracia para os trabalhadores significa liberdade sindical, direito de greve, liberdade de organização para todos partidos políticos de trabalhadores. Eu acho que esta questão todo trabalhador tem que colocar diante da sociedade. Tudo prova que diante de um Estado opressor quem mais paga é o trabalhador. Todo operário tem sempre que lutar contra situação de opressão, mas lutar em cima de reivindicações dele enquanto uma classe, lutar em cima da posição social que ele tem dentro desse Estado enquanto trabalhador.

Sulzer-Weise

Operário 1 - O trabalhador é uma massa que produz, tanto o camponês quanto o trabalhador industrial que não tem vez nem voz nenhuma na sociedade.

E por quê? Justamente porque alguns decidiram que deve ser assim, eles não nos perguntaram, essa lei não veio de nós, veio de cima. Eu acho que é uma parte muito importante o trabalhador da cidade e do campo, tem que participar do processo político do país. Com representantes, com direitos de associação, de circulação de idéias, de comitês em fábricas e um sindicato livre.

Operário 2 - Eu acho que tudo o que eu tinha pra falar ele já falou; isto é o pensamento nosso. O trabalhador tem que participar porque é ele quem produz tudo isso aí. Ele é a maioria esmagadora que põe esse país pra frente. Ele é o que mais faz e está sendo colocado lá em baixo.

Operário 1 - Eu acho que o trabalhador é que deve decidir o quanto ele deve ganhar. Eu li noutro dia alguma coisa que diz que o trabalhador não produz a inflação, produz alguma coisa mas é o que sofre mais a inflação. Porque ele tem que pagar por isto?

Mercedes-Benz

- Por enquanto, o trabalhador tem uma consciência errada, muito pequena, em que só encontra o patrão da fábrica dele e não encontra todos os patrões. A consciência ainda é um pouco atrasada, mas a hora que ele sentir a necessidade de liberdades democráticas, da anistia, ele vai lutar pra isso. Agora ele sentiu a necessidade de 20% e quase todo mundo parou. Acho que é uma questão de tempo.

Sulzer - Weise - Operário 1 - Eu acho um absurdo esta lei de greve atual. A gente não sabe porque não se pode fazer a greve, pois é o único meio que a gente tem de reivindicar alguma coisa. Agora, nós não podemos esperar do patrão, nem do governo, então as coisas têm que sair da gente mesmo, nós é que estamos sabendo, a gente tá passando fome e nós é que temos que fazer alguma pressão para algo mudar. Quanto a esta estrutura sindical ao ser implantada eles cortaram as mãos do sindicato. O sindicato não tem condições de decretar uma greve. Hoje o sindicato é apenas um consultório jurídico, você sofre as consequências na fábrica, vem ao sindicato aí eles dizem: vocês têm direito a isso ou não porque a lei diz isto ou não se a lei é contra você não pode fazer nada. É o caso do Tribunal que disse que a nossa greve é ilegal, nesse caso o sindicato não pode fazer mais nada, senão ...

Operário 3 - O direito de greve vai ter que existir de qualquer maneira. A gente tem que se libertar dessa lei, não podemos viver assim, oprimidos. Nós temos que ter mais liberdade. É um direito que a gente tem, o povo tem esse direito. Essa lei foi feita pra eles.

Operário 1 - Numa estrutura política de um país, toda classe tem que estar representada nessa política e nós não temos operário no poder. Então, não é um doutor, um fazendeiro, um patrão, ou um industrial que vai discutir os nossos problemas. Então, a greve é a única arma que nós temos.

Cultura

EDUCAÇÃO SEXUAL

Vamos brincar de
"papai-e-mamãe"?

Apesar da oposição do ministro da Educação, a educação sexual escolar começa a se tornar realidade no Brasil. Ainda que muito timidamente

"Sou absolutamente contrário a isso. Se ainda fosse para ensinar o amor aos pais, à família..." - Essa é a opinião do atual ministro da Educação, Euro Brondão, sobre o ensino do sexo nas escolas.

Mas, também em matéria sexual, a opinião do ministro parece não ser compartilhada pela maioria da população. Isso pelo menos é o que devemos deduzir da pesquisa realizada no Rio e em São Paulo a pedido da Rede Globo, para o programa *Fantástico*, e que revelou uma expressiva vantagem para a educação sexual escolar entre as pessoas consultadas.

A opinião do ministro não é compartilhada nem mesmo pela Secretaria da Educação do município de São Paulo, que promete iniciar em agosto, em três escolas da rede municipal, a aplicação de projeto-piloto de educação sexual.

Inicialmente, o projeto será basicamente informativo, fornecendo conceitos fundamentais acerca de anatomia e fisiologia sexuais. Eles vão deixar os alunos formularem perguntas, provavelmente por escrito, e, depois, ao invés de responderem imediatamente, porque a equipe talvez não esteja tão preparada para assumir essa responsabilidade, serão organizados os temas.

Segundo seus organizadores, o projeto começou de baixo para cima. As próprias coordenadoras de ensino, diante de problemas surgidos nas escolas, problemas como gravidez, doenças venéreas, etc, começaram a enviar relatórios reivindicando das autoridades um planejamento.

Movimento procurou duas estudiosas do assunto - a sexóloga Marta Suplicy e a educadora sexual Helena Matarazzo - para falarem da educação sexual. Helena Matarazzo, 40 anos, mãe de dois filhos, fez o bacharelado em Ciências Sociais Familiares e o mestrado em Educação, com especialização em Educação Sexual, nos Estados Unidos; escreve sobre sexualidade para revistas e programas de rádio e TV, dá aulas e faz aconselhamento sexual. Marta Suplicy, 33 anos, 3 filhos, é psicóloga clínica. Especializou-se em sexologia nos Estados Unidos e tem se dedicado à terapia sexual, em relação à qual se encontra, aliás, um pouco desencantada, conforme revela nesta entrevista concedida a José Tadeu Arantes.

Movimento - A escola possui ainda, particularmente no Brasil, um forte componente repressivo. Para alguns, inclusive, a repressão é inerente à própria natureza do ensino institucionalizado. Nesses termos, em que medida é possível um correto aprendizado sexual nas escolas?



Marta Suplicy - Em primeiro lugar, sexo não pode ser ensinado só na escola. A escola é uma complementação. Sexo se aprende sobretudo em casa, na família, e não principalmente a partir de informações teóricas mas através de atitudes que os pais tenham em relação ao sexo. Não adianta uma mãe que saiba teoricamente tudo sobre o aparelho genital, se ela tem uma atitude externamente rígida em relação ao sexo, se ela faz restrição a qualquer exibição de sexualidade em seus filhos.

M - A propósito, nós sabemos hoje que grande parte dos jogos infantis possui um conteúdo sexual. Quais as principais consequências que a frequente repressão dessas atividades pelos pais acarreta no desenvolvimento da sexualidade da criança?

Helena Matarazzo - Os jogos sexuais da infância são característicos. Nós todos brincamos de "papai e mamãe", de "médico", de "casinha". Essas brincadeiras fazem parte do amadurecimento sexual normal de todo mundo...

MS - Mas, a verdade que é os pais ainda ficam transtornados com isso. Por exemplo, uma mãe que veja uma filha se masturbando, mesmo que seja na privacidade do quarto dela, ela se perturba. Ver duas crianças por exemplo, dois meninos brincando de se manipular é uma coisa que tira pai e mãe do sério.

Os jogos sexuais fazem parte de um aprendizado. Da mesma forma que para aprender a andar, a pessoa aprende

de antes a sentar e depois a engatinhar. Eles fazem parte de uma sequência. Quem não passa por isso, chega à idade adulta lesado sem ter vivenciado coisas que deveriam ter sido experimentadas na hora certa. Mas, ainda mais importante que esse aprendizado é o que ocorre na fase pré-genital; é a importância dos três primeiros anos de vida para o posterior desenvolvimento de uma eroticidade saudável. O contato de pele, de roçar, de sentir o outro perto, que a mãe tem com o filho, e que é um contato sensual, é extremamente importante na formação da sexualidade. São experiências que, se não forem vividas nessa época, não poderão sê-lo mais tarde. E, se elas não ocorrem, isso vai produzir uma lacuna daí para frente que acabará sendo responsável por patologias futuras.

M - Quais têm sido os resultados da deseducação sexual existente no país até agora?

MS - Primeiramente, as pessoas casam com muito pouco preparo. Assim, as expectativas são erradas. Por exemplo, hoje é difícil se encontrar uma mulher que nunca tenha ouvido falar de orgasmo. Só que muitas vão para o casamento esperando que a responsabilidade seja exclusivamente do homem. Então, elas vão passivas, esperando que o tal orgasmo ocorra. Agora, como ele vai ocorrer, elas não têm a menor idéia. Elas nem imaginam que têm uma parte tão importante como a dos maridos na obtenção do orgasmo.

Outro exemplo: um homem mal informado tem uma falha de ereção e já começa a pensar que está ficando impotente. E esse é o caminho mais curto para que realmente se desenvolva um problema mais sério. Se o homem não está informado que podem ocorrer falhas de ereção em condições de fadiga extrema, de tensão emocional muito grave, de bebedeira, de ingestão de certos calmantes, certos moderadores de apetite, em condições de tensão entre o casal etc., se ele não está informado que isso ocorre e é normal, ele pode desenvolver uma patologia mais séria.

Uma série de informações desse tipo é importante ter. Por exemplo, saber que a mulher deve ser estimulada sexualmente, que a maioria das mulheres tem orgasmo através da estimulação direta ou indireta da área clitoriana. É um mito que o orgasmo seja vaginal. Não é vaginal. A vagina tem muito pouca enervação, não produz orgasmo. O que produz orgasmo é uma estimulação manual, oral ou de fricção. Se a mulher sabe disso, ela se ajuda a obter o prazer sexual. E, se o homem sabe, e se ele ama sua companheira, ele vai ajudá-la a obter esse prazer.

M - Como deveria se dar a iniciação sexual prática da criança?

MS - Eu acho que deveria se iniciar primeiro com a assimilação de atitudes positivas em relação ao sexo, proveniente da família. Daí, seriam geradas perguntas, respondidas pela família e completadas pela escola. Se tudo se desse assim, como consequência ocorreria uma aceitação da sexualidade e um despertar da sexualidade em relação aos companheiros de jogos, de brincadeiras. Da brincadeira de "médico", "papai e mamãe", se passaria para dar um beijinho, para ficar de mãos dadas, para fazer carícias e, finalmente, para a relação sexual, entre um casal da mesma faixa de idade. É muito difícil precisar a idade adequada. O que pode ser muito bom para uma menina pode ser catastrófico para outra.

Agora, o que é um desastre é quando existe uma mãe "pra-frentex", que ensina tudo à filha, e a filha vai colocar aquilo em prática, até com convicção, com o apoio da família, mas num ambiente, num contexto que não resiste a esse tipo de coisa. Então, a menina é quase colocada como pária e fica mal-falada e muitas vezes se vê incapacitada de aguentar essa reação da platéia. As vezes, ela tem todas condições psicológicas para ter uma relação sexual, um envolvimento afetivo mais profundo, mais íntimo. Agora, frequentemente ela não tem a condição interna de aguentar, depois, a pressão social.

"O senhor vai me usar hoje, ou eu posso me lavar?"

M - Como se relacionam os problemas sexuais com os problemas sociais?

MS - Se uma família toda mora num único cômodo, se as pessoas sofrem deficiência alimentar, se a miséria, o sobreviver pesam muito, aí o nível de tensão é tão alto, as condições de vida são tão adversas que elas vão determinar um padrão de relacionamento muito mais taciturno, com pouco diálogo e muita agressão. Isso vai implicar desde um lidar com a sexualidade mais ao nível de atração fisiológica do que de afetividade, até um aumento dos índices de esquizofrenia.

HN - Parece que, no interior do Brasil, ainda ocorre, em alguns casos, a situação da mulher chegar para o marido à noite e dizer: "O senhor vai me usar hoje, ou eu posso me lavar?". A mulher de condição sócio-econômica muito baixa é ainda, em alguns casos, usada como um objeto. E o homem, que vem para casa após um árduo dia de trabalho, precisa descarregar uma série de tensões, e acaba realizando o ato sexual quase que automaticamente.

MS - Quando eu fui à China, eu procurei falar com sexólogos, com gente que trabalhasse com isso. E o pessoal respondia que lá eles não tinham essa profissão, nem a de psicólogo. Eu demorei para entender que, num país do Terceiro Mundo, há problemas muito mais prementes a resolver. Inclusive, eu senti que aquilo que eu estava fazendo na época, que era basicamente terapia sexual, não tinha o menor lugar na nossa realidade sexual. Eu percebi que os chineses é que estavam certos. Na China, houve uma diminuição extraordinária na esquizofrenia. E eles conseguiram isso simplesmente oferecendo melhores condições de vida para a

população. Condições das pessoas não viverem aglomeradas, não sentirem a aflição de não ter comida no dia seguinte, condições de terem médicos assegurados, escolas, trabalho e uma meta de vida. E isso teve uma importância enorme para a saúde mental da população chinesa.

Aqui, os nossos hospitais de doenças mentais têm "portas giratórias". O doente entra, seis meses depois ele sai, um mês depois ele volta. O custo disso para o Estado é enorme. E na China não ocorre isso. Primeiramente, a parte preventiva já diminuiu muitíssimo o número de doentes mentais; fora isso, é feito todo um trabalho comunitário. Nos hospitais, é feita uma terapia grupal - não nos moldes que a gente conhece - que consiste em dar à pessoa uma meta coletiva, tirando-a do individualismo em que ela se encontra. Agora, o mais importante é que, quando o doente sai do hospital, ele encontra, lá fora, uma comunidade que o apóia, que lhe dá suporte. Então, ele não precisa voltar ao hospital.

M - A partir da viagem, então, você passou a considerar a terapia sexual uma atividade muito secundária diante dos problemas mais cruciais do Terceiro Mundo. Mas, você não incluiria também o sexo entre as necessidades primeiras da população, juntamente com alimentação, saúde etc.?

MS - Não dá para fazer sexo bem se se é sub-nutrido, se se mora com 10 pessoas num cômodo, se se chega às 22 horas do trabalho para se levantar às 4 horas. Nesse termos, terapia sexual é "pó-de-arroz". O atendimento de massa seria muito importante, mas não em termos já de patologia e, sim, em termos de prevenção, em termos de preparação para o casamento, da educação sexual escolar etc.